

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Da Expressão Dramática ao Desenvolvimento da Escrita:

Alguns contributos

Ana Paula Borges Baptista

Coimbra, 2011

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

Área de Língua Portuguesa



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

**Ana Paula
Borges Baptista**

**Da Expressão Dramática ao Desenvolvimento
da Escrita**

Trabalho de Projecto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Pedro Balas Custódio.

Agradecimentos:

Ao Professor Doutor Pedro Balau, pela força e pela coragem, por ter acreditado em mim, o meu bem-haja.

Aos meus Amigos pelo incentivo e por cada uma das palavras que me ajudaram a levantar.

Às minhas companheiras de viagem e outras companheiras de outros momentos, a minha gratidão.

Aos meus Pais por me terem mostrado que só os fortes e corajosos pisam os caminhos estreitos.

Ao meu Filho pela ousadia que teve em pensar, sentir e acreditar que a sua Mãe chegaria ao fim.

Àqueles que, mesmo distantes no espaço geográfico, estiveram, incondicionalmente, presentes e, caminhando lado a lado, me acolheram e me estenderam a mão.

Palavras-chave: jogo dramático, aquisição de competências, auto estima, aprendizagem agradável, identidade, discurso, escrita

Resumo

O presente estudo corresponde a uma investigação/acção baseada na implementação de actividades indutoras que permitem uma articulação entre Expressão Dramática e Desenvolvimento da Expressão Escrita. Pretende o mesmo privilegiar a Expressão Escrita de um modo inter e transdisciplinar, de forma a criar, na criança/aluno, a aquisição segura de competências, para enriquecimento das outras áreas do Saber e a sua projecção na vida futura.

Este trabalho partiu do diagnóstico de três grupos/turma duma escola do 1º ciclo, com uma população de 42 alunos, nos quais foram detectadas lacunas ao nível da construção textual, da sintaxe e do léxico, revelando também, a maioria deles, pouca autonomia e confiança, falta de persistência e de motivação pelas actividades escolares, precários hábitos de trabalho, dificuldade no cumprimento de regras e ausência de horizontes.

As actividades desenvolvidas tiveram como base uma aprendizagem orientada e como prioridade o recurso a estratégias que proporcionassem o conhecimento progressivo de si e do outro. Assim, foram valorizados momentos de diálogo e de reflexão conjunta, a realização de jogos dramáticos, um ambiente rico em estímulos e desafios e o trabalho colectivo e individual, tarefas que possibilitaram aos alunos reconhecer as suas potencialidades e manifestar, pela oralidade, sensações e emoções vividas.

Keywords: dramatic play, self-esteem, learning, competence, identity, speech and writing.

Abstract

This project accounts for the research/action based on the implementation of activities that allow an articulation between Drama and Writing Development. It also intends to develop writing skills in an interdisciplinary and transdisciplinary approach, in order to create a good acquisition of skills to enrich/develop other areas of knowledge and its projection into children's/students' future life.

This assignment stemmed from the diagnosis of three groups/classes of an elementary school which comprise a total population of 42 students. Those students revealed lacunae/gaps concerning to textual construction, syntax and lexicon, and most of them also demonstrated limited autonomy and self-confidence, lack of determination and willingness for school activities, deficient working habits and a difficulty in complying with rules and absence of horizons/goals.

The activities were based on a learning-oriented approach, focusing on the use of strategies that provide a growing self-knowledge of themselves and of the other students. And so accomplishing, we enhanced moments of dialogue, and joint reflection, as well as dramatic games, individual and collaborative work, in a stimulant and determined environment where students were allowed to recognize their potential and express orally the sensations/feelings they had experienc

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	3
1. A Expressão Dramática, um trampolim para o Desenvolvimento da Expressão Escrita....	3
1.1 A Valorização do Tema	3
1.2 Os Jogos de Expressão Dramática	5
1.3 Objectivos da Educação pela Expressão Dramática.....	6
1.4 A Expressividade pela Expressão Dramática	7
1.5 Conclusão parcial I.....	9
CAPÍTULO II	11
2.1 Conceitos gerais	11
2.1.1 Pesquisa e selecção	11
2.1.1.1 A (des) construção do sujeito.....	11
2.1.1.2 – Relações Interpessoais.....	13
2.1.1.3 – O Real e o Fantástico.....	15
2.1.1.4 – Evolução histórica e o papel da infância, na humanidade.....	17
2.1.1.5 - A magia do conto no desenvolvimento integral da criança.....	19
2.1.1.6 – Algumas dimensões formativas ligadas às técnicas dramáticas	23
2.1.1.7 – A Didáctica da Expressão Dramática	27
Conclusão parcial II	32
3 – Jogos em contexto de sala de aula.....	33
3.1 – Construção textual desenvolvida com os alunos.....	42
3.2 – Análise de dados	45
Conclusão parcial III	46
4. CONCLUSÃO	46
5. PERSPECTIVAS FUTURAS.....	48
BIBLIOGRAFIA.....	49
APÊNDICES.....	51

Índice de Apêndices

Apêndices: I; II; III, IV; “A Frase Certa” - Construções textuais	53
Apêndices: V; VI; “Caça Palavras” – Montagem da frase e Construção textual – Grupo: A – B –.....	61
Apêndices: VII; VIII; “Caça Palavras” – Montagem da frase e Construção textual – Grupo: D – E.....	65
Apêndices: IX; X; “Caça Palavras” – Montagem da frase e Construção textual – Grupo: F – G.....	69
Apêndices: XI; XII; “Caça Palavras” – Montagem da frase e Construção textual – Grupo: H – I.....	73
Apêndices: XIII – “Pequenos Escritores” – Construção textual colectiva.....	77
Apêndice: XIV - Grelha de registos.....	79
Apêndice: XV – Tabela de Registo de sensações.....	81
Apêndice: XVI; XVII; XVIII – “Um Concerto com História” – Construção textual.....	83

ÍNDICES DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Tabela 1 – A frase certa.....	34
Tabela 2 – Caça Palavra.....	36
Tabela 3 – Pequenos escritores.....	39
Tabela 4- Um concerto com História.....	40

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende investigar até que ponto a Educação pela Expressão Dramática consegue desenvolver, na criança/aluno, uma motivação tal, que lhe permita falar de si própria, com a segurança e a abertura necessárias, aumentando e consolidando a sua capacidade lexical e que essa competência contribua para uma melhor e mais fiel, construção textual.

Por essa razão, o capítulo I, mostra que a palavra pode assumir um peso, de tal forma significativo que, permita à criança se dê conta, do seu crescimento interior. Ao longo deste capítulo pretende-se, ainda, mostrar que através da utilização de elementos indutores – jogos dramáticos - é possível que aquela se consciencialize que pode diminuir ou mesmo superar, os constrangimentos que se relacionam com os aspectos formais e de linguagem, que condicionam a construção, criativa, de um texto escrito.

Por sua vez, o capítulo II pretende mostrar que a Expressão Dramática tem como premissa a harmonia entre o corpo e a mente, sendo aquele o instrumento principal da comunicação, daí a importância em conhecê-lo, dominá-lo e deixar que ele se expresse.

É nesta dualidade e neste sentido que caracterizamos a Expressão Dramática: pelo seu carácter flexível e abrangente e, pela conjunto de actividades de cariz lúdico/didáctico e pedagógico que possibilita e encerra. De tal forma que no capítulo III, com a apresentação e prática de algumas actividades se identifica, esta área, como um recurso facilitador que pretende promover a socialização, a integração, a percepção sensorial, a intuição, a actividade motora, a criação, a recriação, a comunicação e a expressão, enriquecendo de forma especial a expressão escrita.

A Expressão Dramática apresenta-se assim como uma prática que põe em acção a totalidade do *Ser* enquanto *Pessoa*, favorecendo, através das actividades lúdicas propostas, uma aprendizagem transversal. É com base nestes pressupostos que conduz ao enriquecimento da criança/aluno como elemento individual e do

grupo; cria condições para a sua evolução cognitiva, afectiva, sensorial, motora e estética; facilita o desenvolvimento holístico do indivíduo, promotor de vivências (re) construtivas de significados sociais. É uma oportunidade singular, de aprofundamento e de incentivo à criatividade porque, é por si só, uma área que permite trabalhar de forma diferente com os alunos, de acordo com a intencionalidade da aprendizagem almejada e dos objectivos a atingir, nos conteúdos programáticos.

CAPÍTULO I

1. A Expressão Dramática, um trampolim para o Desenvolvimento da Expressão Escrita

1.1 A Valorização do Tema

Ao assumir a temática da Expressão Dramática como objectivo deste trabalho considero, desde já, importante referir que esta área não deve ser confundida e/ou assemelhada com o teatro, pois a Educação pela Expressão Dramática não pressupõe um texto prévio que implique memorização, falas ou deixas, que inibam ou embaracem o desempenho da criança. Ainda que gostando de actividades de palco, o sentimento de insegurança e até de algum medo face à possibilidade de falha, inibe resultados positivos, no que concerne à sua formação pessoal, nesta faixa etária.

Os jogos dramáticos que aqui se pretendem apresentar são exercícios que funcionam como uma força motriz vinda da e para a criança, esgotando-se com ela própria, ao serem realizados.

Como refere Marie Dienesch, (2000:24) em *“A Criança e a Expressão Dramática”*, *“Partindo de uma acção e não de um texto, a criança não corre o risco de cair nesta confusão fundamental: as palavras já não tomam para o lugar da acção, pois esta é apreendida antes da utilização de qualquer forma verbal. Além disso, levada a criar o seu próprio texto, quando se chega ao momento em que as palavras satisfazem uma necessidade interior, só então, ela experimenta a verdadeira natureza da linguagem dramática, em que tudo aquilo que possa ser indicado por um meio diferente da palavra não deve ser dito, e em que a palavra assume o seu valor insubstituível e soberano a fim de ser o ponto final de uma evolução interior, já contida na vida física do autor.”*

Ainda que, e lamentavelmente, a Educação pela Expressão Dramática tenha sido retirada das práticas comuns e habituais da escolaridade, ela deve, contudo,

fazer parte da vida da criança, de forma a auxiliar no seu desenvolvimento pessoal, interpessoal e integral.

Com efeito, os contos de fadas e os contos tradicionais, embora possam parecer, aos olhos mais insensíveis, histórias diacrónicas no espaço e no tempo de hoje, o que é facto é que desenvolvem nas crianças capacidades e competências criativas, tornando-as mais comunicativas e facilitando o seu processo de integração e socialização. Desde tenra idade, é através do imaginário e do jogo simbólico que a criança cresce e evolui ao nível afectivo, abrindo-se ao que a rodeia: pela tolerância, pela partilha, pelo respeito e, por conseguinte, permitindo-se um relacionamento interpessoal e humano mais saudável, seguro e sereno que desvanecerá o efeito de certas cicatrizes que, por vezes, uma educação mais repressiva faz crescer dentro de si.

Freud afirmava que todo o processo de transformação do trabalho subjacente ao conto é análogo ao do trabalho do sonho: dramatização, deslocamento, dissociação e representação por símbolos. Os contos são pois um material discreto e aliciante e com as projecções necessárias e fiéis à individualização, isto é, à boa formação, à formação correcta do ser humano.

O conto, quando devidamente fragmentado é um excelente espaço de meditação entre o *Eu* e o mundo onde a criança vive e se encontra inserida. Ele respeita a interligação entre o homem e o imaginário, trabalhando, em uníssono, na criança o âmbito psíquico, social e biológico. E, na vida escolar da criança, o conto é um elemento riquíssimo e motivador, do qual o docente se deve servir como uma mais-valia no processo interdisciplinar.

A prática das actividades expressivas contribui, claramente, para a expressão e desenvolvimento da personalidade do indivíduo, para a estruturação do pensamento e para a formação do seu carácter.

O jogo dramático é, para a criança, uma forma de descobrir outros modos de comunicação, para além da palavra: aprendendo a trabalhar em grupo, a escutar, a preparar textos, individuais ou colectivos, tornando-se esta prática numa forma

enriquecedora e real, onde a expressão escrita transmite toda a carga afectiva e emotiva, experienciada no jogo. A construção frásica exprime com mais precisão o seu pensamento e a própria pontuação, acaba por adquirir um sentido e um valor próprios.

A motivação é profunda e a criança que se coloca no lugar de leitor/escrevente, torna-se exigente: é necessário descobrir a palavra exacta e expressiva, capaz de traduzir a atmosfera de acção, a emoção sentida e encontrar, também a construção frásica que melhor exprime o seu pensamento. (Leenhardt, Pierre. 1974:73)

1.2 Os Jogos de Expressão Dramática

O jogo simbólico é das formas mais genuínas e espontâneas de comunicar: fechar os olhos, ainda que trémulos e fingir que dorme; mimar com a mão de que bebe, servir-se de um lápis para dar uma injeção a um boneco com que brinca; simular uma corrida de carros emitindo o som e deslocando-se em fila, parecendo um comboio que vai partir da estação.

É através da mímica, dos sons, dos movimentos corporais e da fala, que a criança se torna cada vez mais segura para poder comunicar, com mais acerto, todas as suas atitudes e pensamentos, os quais lhe deram satisfação e falar delas com o adulto, de uma forma rica e proveitosa.

Estes comportamentos, quando devidamente orientados pelo adulto, permitem a apropriação de competências expressivas, ao nível oral e corporal, desenvolvendo-se a partir daqui todas as possibilidades de linguagens que o ser humano possui.

Posteriormente, e num processo adequadamente encaminhado possibilitam uma relação mais íntima e real com a leitura, estimulando capacidades interpretativas e críticas relativamente ao que é visto, sentido e lido. Nestes momentos é notória a necessidade da criança se prender ao imaginário, servindo-

se do jogo simbólico e, sendo através dele que manifesta as suas carências e/ou imperfeições, relativamente a algumas situações de insatisfação do mundo real.

Todavia, o trabalho com o jogo simbólico em crianças do 1º ciclo, desde que obedecendo a um processo de negociação e de diálogo aluno/professor, onde este actua apenas como orientador, pode ainda permitir uma melhor aquisição dos níveis do autoconhecimento e autoconfiança; uma melhor postura cívica e respeito pelo grupo; uma coordenação motora e de lateralidade e, por conseguinte, um melhor domínio do espaço, bem como uma maior sensibilidade estética e artística. Além disso, capacita-as para transmitirem ideais e sentimentos mais complexos, abrindo-as á possibilidade de reflectirem sobre eles e de auferirem capacidades críticas e reflexivas justas. Isto, porque a prática da actividade dramática pode modificar ideias, comportamentos e emoções, tornando o ser humano, em formação, um adulto mais consciente, mais seguro e, ao qual foi dada a possibilidade de crescer e de se desenvolver de forma harmoniosa e integral. Esta realidade será reforçada a partir de uma nova postura pedagógica do professor, aquando dos momentos de discussão e de reflexão, quando são apresentadas e/ou sugeridas outras formas de abordagem face à actividade artística, implícita no jogo simbólico, tendo em vista, ao nível das ideias e do espírito crítico construtivo, respeitando o outro e assumindo-se num processo evolutivo, ao nível da afectividade e da criatividade.

1.3 Objectivos da Educação pela Expressão Dramática

Como base para o enriquecimento em outras áreas do saber, eis alguns objectivos a ter em linha conta:

- Estimular ao jogo dramático como processo de conhecimento transversal e de desenvolvimento pessoal;
- Desenvolver relações pessoais e interpessoais, apelando ao respeito pelo outro;
- Proporcionar um processo de aprendizagem/ensino, em que a criança interaja como elemento negociador
- Adquirir competências de trabalho em regime de parceria e respeito;

- Utilizar, de uma forma didáctica, ferramentas expressivas que permitam resolver um problema;
- Desenvolver as capacidades expressivas do corpo e da voz;
- Conhecer várias formas de linguagem e comunicação;
- Comunicar pensamentos e sentimentos, servindo-se de linguagens variadas;
- Experienciar sensações e emoções através do jogo dramático;
- Comprometer-se na sua construção pessoal e dos saberes inerentes, através da acção;
- Insistir e aperfeiçoar o diálogo acerca do que foi experienciado no jogo;

1.4 A Expressividade pela Expressão Dramática

Segundo Aguiar (1988:26), *“Ler não é apenas descodificar palavras, mas convertê-las num processo compreensivo, que deva chegar às ideias centrais, às interferências, aos pormenores, às conclusões.”*

Significa isto que as crianças, em vez de produzirem textos pessoais e com a devida carga emotiva, limitam-se muitas vezes a fazer, segundo o processo tradicional da escola “redacções”, servindo-se de frases soltas para escreverem algumas linhas soltas, por vezes desconectadas, acerca de um tema que lhes foi imposto. Assim, o texto, no seu resultado final, mais não é que um amontoado de informação, da qual a criança pode ter ouvido falar. Falta a parte emotiva, falta a experiência de poder falar e/ou escrever a partir de algo que vivenciou e o marcou de forma particular, facilitando-lhe a devida percepção dos factos; a preocupação na selecção do vocabulário adequado, de tal maneira que possa transmitir, com a devida fidelidade o que pensa e o que sente, utilizando a expressão escrita mas, comunicando toda a sua sensibilidade e satisfação pessoal.

Na prática lectiva, apercebo-me de que a aquisição das competências da leitura e da escrita é um processo doloroso e complexo para muitas crianças, dependente da iniciativa pessoal e condicionada pelo seu envolvimento familiar, cultural e sociológico. Todavia, o principal problema é saber como ajudar a criança a ganhar essas competências, a vencer esses constrangimentos e a tornar o

processo de escrita num acto que, gradualmente, se converta num hábito indolor e atractivo.

No contexto actual, onde a dualidade imagem/novas tecnologias atrai e proclama vantagens e prazeres facilitados, aliciar o escrevente, nas práticas escolares, não é de todo, tarefa fácil.

Todavia, muito já foi dito pelos especialistas na matéria, mas muito mais haverá a acrescentar, pois ao falarmos da aprendizagem da leitura e da escrita é indispensável que recuemos às aprendizagens iniciais e de base, posteriores, referindo-nos de uma forma especial e indubitável, à aquisição da linguagem oral. Na criança, o desenvolvimento da comunicação compreensiva e expressiva, que a linguagem oral lhe permite, é condição imprescindível para a aprendizagem da leitura e da escrita nos anos subsequentes, não desvalorizando todos os procedimentos pedagógicos adequados, sobre as competências adquiridas pela criança, nos anos que antecederam a sua entrada, na escolaridade obrigatória. Esses anos implicaram uma multiplicidade de experiências do mundo que a rodeia e que foram, nem mais nem menos, os alicerces para o sucesso nas aprendizagens formais e curriculares. Sem esquecermos que essas competências devem começar na escola da família, fortalecerem-se no ensino pré-escolar de forma a permitir à criança uma melhor e mais segura e confortável ascensão à aquisição das competências para a aprendizagem agradável da leitura e da escrita, no 1º ciclo.

No processo de aprendizagem – ensino da escrita - em particular no 1º ciclo do Ensino Básico, é essencial estabelecer relações entre linguagem e pensamento de forma a possibilitar à criança/aluno, uma evolução consciente aos níveis: do entendimento, assimilação e interacção com o meio circundante.

A criança, só nesta faixa etária, começa a compreender o sentido e a importância da leitura e da escrita, pois quando o texto escrito – criado - parte de uma situação real de comunicação, o processo torna-se mais eficaz. Constatamos que são maiores as possibilidades de êxito, se a aprendizagem da escrita se fizer

de forma harmoniosa, aliciante e significativa, com o propósito de estimular a criança a desenvolver as suas potencialidades. Sendo que é nas vivências experienciadas do quotidiano e nas suas relações interpessoais que conseguimos que ela encontre um caminho para uma aprendizagem da escrita de sucesso, de transparência e de emoções.

Será por isso fundamental repensar, seriamente, a forma mais adequada de aprendizagem/ensino da leitura, dentro das salas de aula, criando de forma natural as condições, de carácter lúdico, de expressão e de vida, onde as crianças aprendam a ler e a escrever com rapidez e segurança.

1.5 Conclusão parcial I

No seu todo pretende-se, com este capítulo, que nos consciencializemos que é através do jogo simbólico que a confiança em si, no outro, se vai gradativamente conseguindo. As actividades com jogos dramáticos e as negociações que os mesmos permitem, entre aluno/professor, faculta a conquista de cada criança, de uma forma singular. O profissional de educação vai conhecendo as particularidades de cada criança/aluno, enquanto pessoa, a sua evolução ao nível pessoal e académico e ajudando-a a crescer de forma harmoniosa e integral

O docente consegue, pelo jogo, que as crianças adquiram autoconfiança, espírito crítico e divergente e invistam ao nível do autoconhecimento, conduzindo-as, pela reflexão dialogada e pela partilha, a uma posição crítica justa, mas tolerante.

Os jogos dramáticos, pelas suas características, favorecerem o autoconhecimento e contribuem para o equilíbrio, tanto físico quanto emocional das crianças, representando uma fracção, do modo de vida dos grupos sociais, que reinventam diariamente a vida de cada sujeito, nas suas trocas com seus pares.

Creemos que estes jogos podem vir a constituir-se num recurso eficaz para a consecução do que entendemos por educação para todos. Serão os jogos

dramáticos, com exercícios corporais, orais e vocais que evidenciarão, mais facilmente, as características dos alunos, as suas potencialidades, os seus bloqueios e os seus medos. E, quanto mais explorada for esta forma de acção pedagógica, mais facilmente entraremos no mundo das emoções das crianças, permitindo-lhe o diálogo orientado, o qual transporá para uma construção textual, com muito mais exteriorização de sentimentos e veracidade.

CAPÍTULO II

2.1 Conceitos gerais

É nosso intuito, neste trabalho compreender em que medida a prática do jogo dramático, na escola, pode desencadear, nos alunos, processos de aprendizagem que contribuam para a aquisição de competências ao nível da expressão escrita, formando sujeitos autónomos, mediados pelo pensamento dramático e pelas experiências individuais e de grupo.

2.1.1 Pesquisa e selecção

O jogo dramático permite à criança criar um mundo diferente daquele em que vive, dando vida a novas personagens, criando novos espaços e situações e permitindo-lhe confrontar formas de ser e de estar. Este processo poderá conduzi-la a uma situação de identidade e/ou de alteridade, enquanto questões debatidas e reveladoras de uma certa maturidade reflexiva.

A criação individual e o envolvimento colectivo estão no cerne da actividade do jogo dramático. Um dos aspectos que consideramos fundamental para o exercício prático, enquanto processo lúdico de acção e importante para a formação da consciência crítica dos sujeitos. Por conseguinte, essas atitudes, assim desenvolvidas em todo o processo, podem acrescentar novas dimensões à imaginação e à fantasia das crianças.

2.1.1.1 A (des) construção do sujeito

O jogo dramático e as sensações aí experienciadas reflectem sobre a condição do sujeito, a partir do relacionamento com o outro. O mesmo pode impeli-lo ora a um movimento introspectivo, ora a uma necessidade de abertura ao outro, aquele com quem desenvolve a actividade proposta; e, posteriormente, ao outro como elemento integrante do todo social.

A forma e a estrutura do jogo vivido e desenvolvido sugerem imagens das quais a criança se poderá servir para resolver alguns dos problemas, inerentes à sua idade; à forma como é ou não aceite no grupo; às atitudes comprometedoras, relativamente ao seu ambiente familiar; aos constrangimentos sentidos, no que se refere a alguma situação escolar onde se pode sentir aquém dos êxitos atingidos pelos colegas; à sua sensação desconfortável de insegurança e acanhamento. Na verdade, este tipo de jogo pode ajudar a superar determinados problemas de carácter psicológico, como por exemplo: decepções narcisistas, dilemas edipianos, rivalidades, abandono, síndrome de individualismo, excesso de auto-estima e valorização pessoal ou até perdas de pessoas especiais e importantes.

Assim, o jogo dramático, devidamente planificado e encaminhado e com um processo posterior de suporte, na base do diálogo reflexivo de grupo, sob a orientação do professor, é de fundamental importância para que a criança descubra o seu *Eu* inconsciente e aprenda a adequá-lo a novas situações e realidades, as quais, por vezes, podem até ser fantasias do consciente, uma vez que o inconsciente é um poderoso determinante do comportamento humano.

Então, será nesses momentos, riquíssimos de diálogo orientado e de introspecção acompanhada, que a criança se despe de pudores, de medos ou de falsas protecções inibidoras de um crescimento saudável, trazendo à superfície toda a sua verdade e carga emocional. O verdadeiro encontro consigo própria, permitir-lhe-á, se tal lhe for pedido, escrever e explicar o resultado das suas vivências, segundo um pensamento e ideias orientadas, equilibradas e fazendo uma selecção adequada e variada de vocábulos fidedignos que transmitam exactamente o que experienciou.

Este processo progressivo de (des) construção do sujeito situa-o no seu patamar histórico, em confronto com os outros de uma forma construtiva, pois não é possível uma verdade inabalável. O ser humano está em constante formação e transformação ao longo da história, pressupondo diferenças nas mentalidades e conferindo novos comportamentos e atitudes.

Para que a des (construção) do ser humano se vá fazendo, este necessita, desde cedo que lhe proporcionem o desenvolvimento de técnicas e utilização de metodologias facilitadoras. A necessidade da transformar conhecimentos maçudos, na sala de aula, numa forma de ensino aliciante e motivadora, que o liberte e que se manifeste na sua vida prática e social, imprimindo à produção do conhecimento um aspecto comprometido, lúdico e estético.

2.1.1.2 – Relações Interpessoais

Hoje o ser humano vive numa sociedade liderada pelo medo e pela insegurança dum todo social feito em fragmentos, onde a ligação e o vínculo com o outro depende mais do funcionamento do mercado e daqueles que lucram em titerar o consumismo e o imediatismo e bem distante duma sociedade rodeada, de forma salutar, por laços sociais construídos na família e no trabalho.

As famílias e os profissionais de educação sentem uma dificuldade cada vez maior em educar com base numa referência ou num modelo que oriente aquele que está em formação física e de carácter, tentando evitar o mais possível exemplos que não devem ser seguidos e que podem, de alguma forma, e face ao excesso de ofertas, conduzir a criança de hoje, ao encontro do outro, tantas vezes, o inimigo da educação. Na realidade, na construção do ser humano têm vindo a perder-se características tão importantes como o empreendedorismo, os objectivos de vida, a confiança, a coragem, a amizade, bem assim como a capacidade deliciosa de partilhar com o outro os seus teres, as emoções e os sentimentos. Algo importa fazer e mudar.

O retorno à vida comunitária, aos valores e às raízes, não como procura doentia e saudosista do passado, mas como construção de uma vida com base em fundamentos comuns, entendemos ser um dos primeiros passos para a mudança. No seu processo educacional, aprendizagem/ensino é indispensável voltar a entabular diálogos de respeito e de partilha, procurando aquilo que une as

pessoas, num saudável clima de democracia. O Ser, enquanto pessoa, deve privilegiar os direitos humanos, étnicos e culturais situados e contextualizados nas necessidades do presente, permitindo, conseqüentemente, a formação do ser humano feliz e realizado; de bem consigo, com os outros e com a vida.

Neste contexto um tanto conturbado, será talvez necessário, na escola, no processo de formação da criança, e através do jogo dramático, do faz-de-conta e dos Contos, introduzir, como forma apelativa, de novo, o “Era uma vez...”, através do qual a criança poderá descobrir o seu encantamento, através do *Maravilhoso*, salvaguardando, contudo, as respectivas reservas, de forma a permitir-lhe racionalizar e distanciar-se o suficiente das situações encontradas na história ou no jogo dramático que lhe é proposto.

Isto porque o jogo dramático e o conto são os mais antigos meios de a criança descobrir, de forma compensatória, os elementos que ainda não fazem parte da sua consciência.

Os Contos do “Era uma vez...” e os jogos dramáticos, cujos conteúdos, não pertencem ao aqui e agora, quando adequadamente encaminhados e explorados, permitem à criança entrar no mundo do fantástico e sair, por alguns instantes, do mundo concreto para o imaginário. Aí, na acção, naquele tempo e naquele espaço, ela recolhe elementos importantíssimos à sua formação e com os quais se identifica. Nesses momentos é-lhe permitido ir em busca de “si mesmo”, “do seu herói” e, quando o jogo ou o conto terminam e a devolvem ao mundo real, a criança é capaz de fazer comparações, selecções de atitudes e analogias de comportamentos.

Terminado o exercício, conversa acerca do que sentiu, compara as suas sensações com as dos outros elementos do grupo. É auxiliada, na forma como gere o pensamento e os sentimentos; questiona, é ajudada na procura da resposta, aprende a contextualizar e a relativizar reacções. Em suma, é dirigida e encaminhada na procura, na descoberta da sua própria identidade, enriquece-se

como comunicadora e a partilha acaba por lhe sugerir as devidas exigências para desenvolver, condignamente, o seu carácter.

Uma educação baseada nestes pressupostos, e em repetidos exercícios direccionados para aquele fim, alertam a criança para a existência de uma vida pacífica e tolerante que poderá estar ao alcance de qualquer um, desde que esse seja o seu desejo. E garante que, apesar de algumas das adversidades inerentes ao processo, ela não se intimidará com as lutas que a esperam, mas que estas contribuirão para a aquisição da sua verdadeira identidade. Por isso e referindo-nos de forma específica ao jogo dramático, Monteiro afirma em: “Jogos dramáticos”. (1994:7)

“ Toda a actividade que propicie ao indivíduo expressar livremente as criações do seu mundo interno, realizando-se na forma de representação de um papel, pela produção mental de uma fantasia ou por uma determinada actividade corporal, é um jogo dramático.”

2.1.1.3 – O Real e o Fantástico

As crianças são actores sociais competentes, capazes de criar no seu *Eu* o palco da mente e as personagens com os quais contracenam devido, não só ao seu poder de acção e iniciativa, como também devido às suas capacidades de produção simbólica e de construção de significação, ainda que à sua medida, acerca do mundo, onde se situam, sendo em tudo, diferentes das dos adultos.

A facilidade imaginativa dos factos e o jogo do faz-de-conta são meios privilegiado de (re) conhecimento e expressão do seu dia-a-dia, dos seus mundos sociais e uma forma de manifestação das suas culturas. Assim, é nos bastidores das culturas da infância que se encontram e se situam os *Amigos Imaginários*, em tudo opostos às alucinações doentias. Aqueles revelam-se como “criações invisíveis” e objectos aos quais as crianças dão vida e personificam, interagindo e criando situações, momentos e acções que lhes dão alegria e prazer.

Isto permite-lhes, ao longo da vida, coleccionar, aprender a ordenar o pensamento e a servir-se das informações e sensações utilizáveis no mundo que as rodeia, nos diversos ambientes de socialização, facultando-lhes a partilha e o acolhimento de influências recíprocas com o meio circundante e com os outros. Deste modo, pode dizer-se que é também na interacção, real e/ou imaginário, que a criança se consciencializa de si, como pessoa, e do outro, gerindo as suas emoções e tendo a noção daquilo que as causa. É aqui que reside a demanda da criança, enquanto sujeito em luta por um sentido para a sua existência, servindo-se de vários percursos do imaginário: o sonho e/ou a criação ficcional.

É neste contexto que se manifesta o conceito de alteridade. Isto é, quando o sujeito, precário e fragmentado, procura encontrar-se, corre atrás da sua identidade, recorre a vários mecanismos discursivos que se sucedem e se descobrem, revelam-se e confrontam-se. A criança questiona e argumenta, consigo e com os outros, estabelece e assimila regras de conduta, desenvolve a linguagem e aperfeiçoa a comunicação, desenvolvendo-se, integralmente, em função das suas atitudes sociais que vai descobrindo e, conseqüentemente, determinando as suas próprias características, à medida que faz as suas trocas culturais e emocionais, que vivencia experiências e efectuando aprendizagens.

Gradativamente, as crianças vão criando as suas próprias formas de se relacionar e de se integrar no mundo dos adultos, através do lúdico, do criar, do brincar com as coisas, atribuindo-lhes funções diferentes das do mundo daqueles. Primeiramente, no seio familiar; de seguida no Jardim de Infância e, por fim, na escola do 1º ciclo, entre o lúdico, o real e o imaginário, as crianças vão passando por um processo de alteridade, à medida que evoluem no seu relacionamento com os pares e, progressivamente, com o grupo. Vão sendo assumidas regras de acção, partilha de preocupações próprias dos seus pequenos mundos, participação nas tarefas, prática de rotinas e brincadeiras que, ao serem conduzidas, assumem um papel preponderante em todo o processo interactivo de aprendizagem e aquisição de competências.

A criança faz muitas vezes a imaginação do real, à sua medida, onde as vassouras são cavalos ou um pau é uma espada. Essa reapropriação dos objectos, confere-lhes vida e novos significados passarão a ser, facilmente, personagens duma história.

Estamos, assim, perante um processo de criatividade através do imaginário e onde as sensações experienciadas pela criança são aquelas que dão alegria à sua forma de estar e expressão ao seu processo evolutivo da comunicação com os pares e, conseqüentemente, a uma evolução e aquisição de competências.

Desta forma, a fantasia do real ainda que, em muitos casos, possa parecer uma lacuna na adaptação da criança é, ao invés, uma acção que lhe permite a execução de exercícios organizacionais do pensamento e, por conseguinte, a compreensão, interpretação e acção no meio social. Isto porque estamos perante um recurso que lhe é próprio e a lança numa caminhada onde pode experimentar e ajustar experiências e emoções através da mutação/confronto do e com o real; um recurso que faz da própria criança a “atriz e a construtora social”.

Para Andreola (1991:60) este “*jogo de representação de papéis*”, ao qual chama de Roleplaying, tem três objectivos principais:

O roleplaying tem como objectivo o de: 1) facilitar a compreensão de um problema, vivenciando-o na dramatização; 2) motivar a participação no estudo, análise ou discussão, com o envolvimento dos membros do grupo; 3) possibilitar a empatia dos participantes em torno de um problema pessoal ou grupal, em busca da solução para o mesmo.

2.1.1.4 – Evolução histórica e o papel da infância, na humanidade

Desde épocas anteriores à idade Média, à criança não era dado o direito à infância, fazendo parte do mundo dos adultos. De tenra idade a educação dos rapazes era dada aos pais, onde ela aprendia a montar cavalos, a atirar e a usar o arco e a flecha e adquiria tácticas de guerra

Estes comportamentos sociais e culturais mostram que na vida quotidiana, crianças e adultos se misturavam em reuniões de trabalhos, passeios e jogos, nos quais participavam.

As crianças desde cedo aprendiam as profissões com as suas famílias ou em casa de aprendizes e trabalhavam em oficinas. Neste período, não se tinha noção de família, pois a organização e conceito de família é fruto duma evolução histórica e social, construída, gradativamente, através de regras estabelecidas, até chegar à organização monogâmica.

No século XVII, na Idade Moderna, a infância é vista como uma fase sem importância, os adultos não se apegavam às crianças por considerá-las uma perda, pois elas morriam com muita facilidade devido à situação de negligência em que se vivia.

A infância, que antes não passava de uma espada de dois gumes entre a vida e a morte, agora encontra-se amparada no seio da família, devendo a criança ser educada e protegida desde a mais tenra idade, dentro dos princípios que regem a sociedade.

A infância tomou o seu lugar na história, alcançado pelo avanço dos conhecimentos, a valorização de direitos no seio da vida familiar e social bem como nas instituições, de modo geral.

O sentimento de infância surge, por exemplo, no Brasil, ao longo do século XIX, com a necessidade de instrução e ampliação das escolas massificadas. No início o atendimento à infância foi marcado pela ideia de assistencialismo e amparo às crianças necessitadas, com o objectivo de diminuir a mortalidade infantil desvalida ou moralmente abandonada.

Só a partir de 1932, com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, é que surgem estabelecimentos de atendimento à infância, a cargo de particulares, mas não atendendo crianças de classes sociais desfavorecidas, eram escolas para a elite brasileira. O atendimento à camada popular nas famílias, cujos filhos ainda

não frequentavam o ensino primário, estava vinculado à questão da saúde e tinha um carácter assistencial e pastoral.

O desenvolvimento integral da criança passa a depender dos cuidados e das necessidades básicas de saúde que estão relacionados com a dimensão afectiva, hábitos de higiene, alimentação, bem como a forma como esses cuidados eram oferecidos, os conhecimentos que se tinham e os procedimentos, supostamente, adequados.

Na procura da identidade da educação infantil, o desafio é afirmar e integrar a educação e os cuidados, isto é: cuidar e educar a criança pequena. À criança institucionalizada é prestado cuidado e educação, as quais são vistas de forma complementar e indissociável dos cuidados e da educação dada no âmbito da família.

2.1.1.5 - A magia do conto no desenvolvimento integral da criança

Dia após dia, no espaço escolar, observam-se novas provas da interacção mente / corpo e de como os mecanismos, já utilizados por alguns profissionais de educação, podem modificar os estados psicológicos e influenciar positiva ou negativamente o estado de saúde da criança. Neste contexto, o conceito de saúde insere-se num processo de bem-estar físico, psíquico e social, que facilita o processo de aprendizagem/ensino. Todavia, as cada vez mais notórias formas de desigualdade social e pobreza estrutural são algumas das grandes responsáveis pela impossibilidade de acesso aos mais variados meios que poderão contribuir para o bem-estar das crianças nos campos da educação e saúde mental.

Assim, cabe à escola marcar uma posição que faça toda a diferença e que contribua para a formação saudável de cada indivíduo.

Para tal, o mundo da magia e da fantasia, nos quais as crianças entram, através do Conto, pode ser importante veículo de desenvolvimento afectivo e emocional, fortalecendo a auto-estima e o seu auto conceito. A primeira, enquanto avaliação

afectiva do seu próprio *Eu*; e a segunda, implicando uma percepção consciente das suas competências e eficácia nos seus desempenhos.

Neste sentido, e citamos Bettelheim (1980, pp. 14;15) em “A Psicanálise nos contos de fadas”

(...) os contos transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (...) O conto de fadas (...) confronta a criança, honestamente, com os predicamentos humanos

Alguns pais ainda exigem que as suas crianças actuem como adultos, esquecendo-se de que este é um processo gradativo que se inicia na infância e tem o devido tempo. Assim, uma das mais importantes tarefas que os mesmos devem assumir é ajudar os seus filhos a encontrar um significado coerente para a vida, para que o seu desenvolvimento se centre no entendimento de si mesmo, pois só assim a criança assume a devida compreensão relativamente aos outros e ao meio envolvente. Aí entra também a participação da escola, ao dar o Conto de “fadas” o poder mágico e fantástico que lhe é intrínseco, possibilitando, através dele, a abordagem dos problemas interiores dos seres humanos, bem como as suas soluções mais correctas.

O maior problema para o ser humano, enquanto criança, é encontrar um sentido justo, digno e equilibrado para a sua existência. E será da aquisição ou não deste equilíbrio que dependerá a qualidade da sua socialização e, conseqüentemente, a qualidade das suas relações, as quais vai construindo para si e para os outros. Sendo que, bem cedo, a criança tem de tomar consciência das contrariedades e das contingências na sua vida, enquanto ser em formação e futuro adulto – pois longe vai o tempo em que se defendia e se actuava como se a criança fosse um adulto em miniatura -, ela vai projectando e criando, paulatinamente, as suas identificações, permitindo-se agir e reagir de acordo com as emoções que vive. Contudo, para que o faça de forma equilibrada carece de

encontrar soluções adequadas para os perigos e os medos, por vezes imaginários, que lhe povoam a mente.

Diante duma tarefa tão séria e que se pretende devidamente, encaminhada e orientada, segundo a opinião de Bruno Bettelheim, ainda melhor que a presença dos pais, dos professores e do legado cultural, quando adequadamente transmitido, explorado e trabalhado. Os livros, por si só, e refiro-me de forma especial aos manuais escolares, cuja linguagem está longe de ser perceptível pela criança e não corresponde ao seu mundo imaginário, não lhe apresentam personagens com que se identifique e lhe causem empatia ou rejeição. O que pressupõe, de imediato, um afastamento do livro, da leitura e, por conseguinte, da produção escrita, só possível quando veículo de transmissão e expressão de emoções sentidas e vivenciadas.

Como poderá a criança/aluno interessar-se e apreciar um mundo literário, construído por adultos e com uma linguagem fora do alcance do seu *Eu* do seu mundo interior, ficando restringida à aquisição da habilidade de ler?

É atitude premente a tomada de consciência, por parte do adulto, de criar as melhores condições que permitam à criança/ao aluno interessar-se pelo jogo dramático. Nesse sentido, é fundamental apresentar-lhe Contos, cujas vivências das personagens a cativem e agucem a sua curiosidade infantil, permitindo o despertar e voar da sua imaginação. Os Contos, que poderão perfeitamente ser de “fadas”, ajudam no esclarecimento das emoções, pois funcionam como estímulo à imaginação, ao encorajamento de soluções relativamente à questão da auto-estima, abordando questões psíquicas, edípicas, amor paterno e respectivos percursos até à vida adulta. Bettelheim, refere: (1980, pp. 14;15) “ (...) *na infância a fantasia instala-se na vida e a vida toma aspectos de fantasia (...)*”.

Assim, as fadas, as bruxas, os duendes, os animais que falam e os heróis vão ao encontro dos interesses e anseios da criança, pois, ainda que elas se alimentem de um mundo de contornos imprecisos, povoado de seres imaginários, vivos e actuantes, inserem-se na lógica infantil. E o Conto acaba por encaixar

perfeitamente, nesse mundo muito seu de encantado, a magia e fantasia, funcionando como um propulsor da imaginação.

Os Contos não são apenas e de forma simplista, um fundo moral, pois não é este que precisa de ênfase. Eles transmitem mensagens de coragem para vencer obstáculos, resolver dificuldades, conquistar vitórias, tratar problemas humanos do foro universal; eles falam do ego valorizam o id e atendem às necessidades do ego e do superego, enquanto, as histórias modernas, dirigidas às crianças, evitam estes problemas.

Estas contemplam momentos “fora de perigo”, não mencionam a morte, não sensibilizam para o trato com o ser humano, no decorrer do seu envelhecimento, limite existencial, nem o desejo pela vida eterna. Por sua vez, nos Contos, que podem ou não ser de “fadas”, encontramos a predominância da tipificação dos personagens, defrontando-nos e confrontando-nos com a dualidade do bem do mal, tanto ao nível do corpo, como ao nível da relação com os outros, nas atitudes e nas formas de ser e de estar. É importante compreender-se que não é fundamental a assimilação do conceito de virtude e apresentar um final moralista; o importante é possibilitar a caminhada ao encontro do sei eu interior, a introspecção que provoque questionamento e uma luta consciente e honesta, que permita um novo e mais salutar caminhar rumo ao crescimento da criança enquanto Ser.

Nos Contos não há ambiguidade. A personagem é boa ou é ma, e quanto mais simples e directa a personagem for no enredo, mais fácil será a sua identificação. No decorrer da prática pedagógica é notório como as crianças, ao ouvirem ou lerem, histórias se sentem absolutamente encantadas sem, contudo, chegarem a perceber o que existe naquele mundo que as atrai de forma tão real.

Não quero deixar de referenciar que já vai sendo longa e persistente a caminhada de alguns estudiosos no âmbito da Expressão Dramática e insistindo acerca das vantagens do jogo dramático e da educação pelo teatro, no sentido de serem um grande contributo na organização da personalidade da criança. Quer na

formação do ser psicológico onde actuam factores individuais e factores de contingência. Quer na forma como cada indivíduo faz ou tenta fazer o equilíbrio e a gestão entre eles, resultando numa personalidade específica e única, mas variando de indivíduo para indivíduo.

O equilíbrio, a gestão das diferenças e os mecanismos de defesa utilizados para o efeito, face às dificuldades enfrentadas ao longo do percurso da vida, determinará a existência de dois grupos distintos de indivíduos, que perante contingências idênticas, apresentem formas diferentes de actuar, dependendo do trabalho diferente executado aquando da organização das suas personalidades.

No entanto, tenho a perfeita noção que para os docentes fazerem um trabalho honesto e de valor, no terreno, é indispensável a co-responsabilização do Ministério da Educação, entidade máxima que deverá ter por missão contribuir para a elevação da qualidade da formação e enriquecimento profissional dos docentes, através da formação pedagógica e séria dos agentes educativos e profissionais na educação.

São prementes, pois, a sensibilidade e o conhecimento necessários de forma a introduzir factores de inovação nas estratégias e metodologias de intervenção daqueles que têm por missão conduzir a uma maior adequabilidade aos diversos públicos, respeitando as suas faixas etárias, natureza de conteúdos/competências e modalidades de e para a formação da criança

2.1.1.6 – Algumas dimensões formativas ligadas às técnicas dramáticas

A principal tarefa da criança é a construção da identidade e a individualização enquanto pessoa. Entenda-se como identidade / auto conceito, isto é, a capacidade que o indivíduo necessita ter, de forma a actuar, no mundo, através da percepção correcta de si mesmo e das suas apetências. Este processo inicia-se pela necessidade do indivíduo se perceber como ser único e separado dos demais através dos seguintes sentimentos: ser ele próprio, valer-se por si mesmo, poder

escolher e decidir. Este caminhar, muitas vezes, implica romper com as ideias e os modelos pré definidos de identificação, buscando outras formas de interesse, de formação e de prazer.

Neste contexto, precisamos olhar a criança como um ser em evolução, uma pessoa que sente, que sonha, pensa, mas que também tem beleza interior e sabedoria para partilhar. É então indispensável proporcionar-lhe, de forma equilibrada e orientada, experiências lúdicas que vão ao encontro do que procura – adrenalina, descoberta, conhecimento, capacidade de diálogo e de reflexão – mas ao mesmo tempo o desenvolvimento da relação saudável a partir dessas experiências, bem como a projecção dessas atitudes no seu relacionamento saudável com os outros. Então, num esforço conjunto, é fundamental proporcionar às crianças, formas adequadas que lhes permitam realizar as tarefas próprias da sua idade, numa construção coerente de futuros adultos competentes, críticos, capazes de acreditar em si próprios, à medida que evoluem na aquisição de competências.

Como forma facilitadora e pedagógica deste processo evolutivo e de construção saudável do ser, enquanto pessoa e criança, no momento, podemos determinar três grandes domínios de objectivos:

O primeiro contempla a criação artística. Neste domínio as crianças encontram-se em situação de entrega ao professor, em quem devem confiar, serão capazes de construir as potencialidades expressivas e comunicativas do corpo, da voz, da palavra oral e escrita e do jogo simbólico, de modo a desenvolverem competências inerentes à sua pessoa, enquanto ser em transformação. A criança/aluno, sendo devidamente encaminhada é capaz de dar forma expressiva – oralmente e por escrito - às suas ideias e intenções, a partir de elementos indutores que facilitem as suas aprendizagens na concretização de projectos de vida, à medida que vão dando consistência e firmeza às suas competências.

O segundo refere-se aos actos de meta compreensão. As crianças, através do diálogo, acerca das emoções experienciadas, no jogo dramático, serão capazes de

reflectir criticamente, sobre o seu processo de aprendizagem e de que maneira, uma nova postura influenciará de forma transversal, as restantes áreas do saber.

O terceiro direcciona-se para o processo didáctico de encaminhamento, através do qual, as crianças/alunos devem ser capazes de traduzir as suas vivências e aprendizagens, nos trajectos didácticos, reflectindo e expressando, oralmente, as sensações sentidas e vividas durante os jogos e/ou as actividades desenvolvidas.

A este respeito refere Melo, M. C. (2005:17), “ (...) os alunos aprendem também a valorizar o processo de contemplação. A quietude introspectiva deste processo, seja individualmente ou em grupo, permite a vivência da pausa e do silêncio como um acto essencial e constante em todos os criadores.”

Pretende-se, então que se crie uma dinâmica mobilizadora, inter e transdisciplinar e de relação entre as várias práticas e os vários saberes presentes no programa.

1 – O som e a voz – o som e o silêncio; qualidades do som e da emissão da voz; ritmo do som e da palavra: dinâmica, fraseamento e interpretação; improvisação e criação de ambientes sonoros. Jogos, atitudes e procedimentos que permitem uma relação e uma correlação entre a expressão artística e a consciência fonológica, ao nível da iniciação à escrita.

2 – O corpo e o movimento – qualidade do movimento; a expressão e a intencionalidade comunicativa do movimento; a expressão pelo movimento de sentimentos, emoções, narrações; estruturas elementares coreográficas. Uma sensibilização a partir do jogo dramático com indutores, conducentes à comunicação oral, à partilha de emoções e à gestão de propostas para a escrita criativa, a partir da reflexão acerca de sensações e emoções vivenciadas, enriquecendo a Língua Portuguesa, quer ao nível oral, quer escrito.

3 – O texto – o texto espontâneo e o texto de autor; construção e (des) construção; o texto como indutor de projectos artísticos; o texto dramático e o

texto poético; tratamento dramático. Uma forma de enriquecimento pessoal e esclarecimento psicológico que permitirá a sua aceitação enquanto criança em sistema de formação da sua personalidade, que se pretende feliz e equilibrada, de forma a identificar-se com os personagens dos textos e daí retirar ilações, acerca do comportamento do herói e das dificuldades encontradas na vida. As contrariedades auxiliam a aprender e a assumir atitudes que lhe permite vencer e ultrapassar os possíveis obstáculos.

4 – As expressões artísticas e o contexto escolar – relações disciplinares e interdisciplinares; enriquecimento pessoal ao nível da aquisição de novos saberes e de competências; possibilidade de executar trajectos didácticos e pedagógicos integrados, mais sólidos e mais consolidados com uma maior projecção nas restantes áreas do saber.

A Expressão Dramática pode ser um trampolim para melhorar o processo aprendizagem/ensino, tornando este mais aliciante, pois inclui exercícios de concentração, de mímica, de improvisação, jogos dramáticos, jogos de papéis e encenações e onde as crianças compartilham os mesmos objectivos, nomeadamente, espírito de equipa e de partilha. No desenrolar da prática pedagógica, aquando da aplicação das actividades, em anexo, foi notório o respeito pela opinião do companheiro de grupo, a variedade lexical, a criatividade e a imaginação, na produção textual.

Tal parecer deve-se ao facto de, desde cedo, a criança entrar no mundo da expressão dramática, repetindo e actuando como adulto. Ela joga, brinca e faz de conta, de forma a combinar as suas vivências, as quais lhe permitirão encontrar, progressivamente, as respostas para as suas curiosidades e as suas dúvidas. Então, as dramatizações permitem às crianças: segundo Antonio Pérez, citando Garcia del Toro, (2004: pp.10;11)

Uma maior evolução individual por meio da sua projecção imaginativa; A ampliação da sua esfera intelectual; Uma melhor utilização da linguagem oral e mímica; O conhecimento do seu esquema corporal; A aceitação dos seus limites bem como a sua ampliação; Uma super valorização do trabalho em grupo; Uma melhor aproximação à sua herança cultural; A projecção, no âmbito escolar, de uma expressividade que facilitará a aprendizagem de qualquer matéria; O desenvolvimento do espírito crítico e da sua capacidade como espectador

Permite-se e facilita-se assim a produção textual, as tarefas que exijam compreensão e expressão escrita, aperfeiçoamento da capacidade esquemática e de resumo, por necessidade de melhor e maior compreensão entre os intervenientes nas tarefas, para assim caracterizar personagens de forma fidedigna. A criança adquire maior segurança quando tem de descrever espaços, relatar conflitos, utilizando os vocábulos mais adequados e que, por conseguinte, transmitam as verdadeiras sensações, caracterizando com consciência o tempo e a acção, implícito no texto de autor ou no texto espontâneo. Desta forma, as actividades artísticas, direccionando-se para a Educação pela Expressão Dramática, por excelência, permitirão uma melhor aprendizagem e evolução ao nível da expressão escrita, particularmente, no que respeita aos textos, sejam eles narrativos ou descritivos, dramáticos ou poéticos.

2.1.1.7 – A Didáctica da Expressão Dramática

Portaria nº 53 / 2010 de 4 de Junho de 2010 – DR –

“ Considerando que a educação básica é essencial à integração e coesão social dos cidadãos, que a escola deve ser um centro educativo por excelência e que, em complementaridade com as famílias, deve contribuir para o desenvolvimento de competências de cidadania:

Considerando-se que a escola deve ser um espaço educativo estimulante para o acesso ao conhecimento, devemos possibilitar a coexistência de áreas curriculares com outras dimensões próximas dos interesses dos alunos, e igualmente significativas para a construção do seu percurso formativo;”

A – Objectivos

- *Criar uma maior disponibilidade física e psicológica;*
- *Melhorar a postura corporal, a flexibilidade e a expressividade de movimentos e gestos;*
- *Desenvolver a criatividade e a expressividade;*
- *Desenvolver as competências comunicativas, utilizando diversas formas de linguagem;*
- *Utilizar a linguagem corporal e dramática como meio de expressão e comunicação: oral e escrita;*
- *Explorar os recursos da voz, nas suas dimensões expressiva e comunicativa;*
- *Utilizar, criativamente, o espaço, a luz, as imagens, os objectos, os sons e a leitura;*
- *Gerir, de forma cívica, os espaços interpessoais;*
- *Participar em diversos jogos dramáticos, contemplando as diversas áreas de expressão e comunicação;*
- *Inferir acerca das vantagens pedagógicas, do jogo dramático e suas técnicas;*
- *Realizar dramatizações em sistema de grupo, vivendo situações emotivas;*
- *Participar em actividades dramáticas desde os anos iniciais da escolaridade;*

B – A Expressão Dramática conduz à aquisição de competências que permitem:

- *Melhorar os contributos psico-pedagógicos;*
- *Aumentar o campo de intervenção do ensino globalizante, num enfoque educacional e existencial;*
- *Repensar as práticas pedagógicas, atendendo à diversidade cultural e à flexibilização curricular;*
- *Desenvolver capacidades para responder a questões e preocupações locais, nacionais e internacionais;*
- *Aplicar jogos dramáticos, dentro e fora da sala de aula, tendo em conta as características comuns a cada um dos estádios de desenvolvimento da criança / aluno;*
- *Promover o desenvolvimento das crianças nas dimensões moral, social e cultural;*
- *Dotar as crianças / alunos de uma vivência interdisciplinar;*
- *Aplicar uma metodologia que consistirá em momentos expositivos; trabalho oficial, análise de documentos textuais; pesquisa e trabalho de campo, individual e em grupo;*

Todas estas metas são possíveis, numa perspectiva de envolvimento dos vários intervenientes educativos, interagindo numa postura de abertura e partilha, de confiança e diálogo reflexivo. Contudo, convém ter em linha de conta, os elementos activos da acção didáctica:

- O professor;
- O aluno;
- A disciplina (matéria ou conteúdo);
- O contexto da aprendizagem;
- As estratégias metodológicas.

A didáctica tornou-se, actualmente um instrumento de cooperação, no mundo escolar, entre docentes e discentes, para que realmente ocorresse a evolução de aprendizagem/ensino.

Para isso, seria desejável e imprescindível o comprometimento e entrega pessoal, o esforço e o exercício com a aplicação de técnicas da acção de ambas as partes envolvidas no processo, para que o conhecimento e a sua procura sejam realmente possíveis, numa perfeita sintonia e simbiose entre professor e aluno.

Nesta perspectiva, a educação pela expressão dramática funciona como arte e uma ferramenta de aprendizagem. A abordagem instrumental/ didáctica procura utilizar alguns elementos da prática teatral, com vista a desenvolver aspectos estruturais e competências pessoais que serão colocados ao serviço das restantes áreas curriculares e dói conhecimento, no processo da educação.

A educação pela expressão dramática, na escola, e neste contexto, valoriza a “livre expressão”, a qual pretende que se motive os alunos a expressarem-se livremente a partir do que são consideradas as *necessidades vitais do ser humano*: criar, a partir dos pontos de interesse da criança; expressar-se partindo das sensações e vivências pessoais, comunicar, enriquecer as expressões: oral e escrita; viver em grupo, respeitando a pessoa do outro e favorecendo na formação cívica do individuo; ter sucesso no seu percurso escolar e de vida; agir e descobrir pela pesquisa.

O aluno, desta forma, explora as suas potencialidades expressivas e comunicativas em situações de prática e avaliação de actividades dramáticas e projectos.

A criança, ao desenvolver as actividades em Anexo foi encaminhada, de forma a explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes actividades - de movimento livre ou orientado, execução/reprodução gestual, mímica, criação de personagens -; desenvolveu potencialidades expressivas da voz - timbre, intensidade, altura, duração e entoação. As propostas de tarefa foram adequadas e o seu uso nos diferentes contextos e situações de comunicação; foi motivada a exprimir e justificar opiniões pessoais, em situações de experimentação/criação, de fruição e de pesquisa.

Os suportes para atingir a “*livre expressão*” são múltiplos e variados: a palavra oral e escrita, a música, o teatro e a educação pela expressão dramática, uma vez que a sua pedagogia é centralizada na criança e baseada em alguns princípios como:

- Senso de responsabilidade;
- Senso cooperativo;
- Sociabilidade;
- Julgamento pessoal;
- Autonomia;
- Expressão oral e escrita;
- Criatividade;
- Comunicação;
- Reflexão individual e colectiva;
- Afectividade.

Em ambiente de sala de aula assiste-se, diariamente, a atitudes e factores comportamentais que inibem a criança/aluno de assimilar, aplicar e adquirir competências seguras, que lhe permitam um percurso escolar de sucesso. A inibição e dispersão, o desinteresse e os conflitos são problemas que se tornam cada vez mais notórios, prejudicando o relacionamento aluno/professor. Foi pensando nesta realidade, tornada comum para quem trabalha no terreno que acredito na inserção da didáctica da educação pela expressão dramática como um

elemento facilitador e estratégico da aprendizagem, bem como uma ferramenta de trabalho de grande relevância.

Se atendermos a alguns dos princípios atrás mencionados e que servem de meio e de fim na didáctica da educação pela expressão dramática, pela comunicação e expressão oral melhorar-se-á na área de língua portuguesa o domínio dos conteúdos relacionados com a conjugação verbal, a riqueza vocabular a melhoria a nível da dicção e da clareza e da sequencialidade de ideias. Em suma, proporcionando uma sensibilização e um desenvolvimento maiores no que se relaciona com a aquisição de uma maior consciência fonológica e audiológica.

A forma mais facilitadora de o conseguir é que o profissional de educação prepare os recursos materiais adequados e que determinem a proposta a apresentar, pois se as ferramentas de trabalho, não forem um empuite comprometido, a actividade tornar-se-á impraticável e sem sucesso.

Assim, pela sua melhoria, ao nível destas práticas, o aluno alcançará com mais gosto e facilidade, uma postura social que implicará um melhor relacionamento e inter-acção com os seus semelhantes, exercitando, progressivamente, a socialização; tanto ao nível do pensamento como das atitudes.

Como elemento fundamental e facilitador é indispensável uma metodologia que propicie, tornando real, a relação, a correlação e a articulação entre a expressão dramática e uma maior valorização e segurança na expressão oral.

A criança/aluno para se lançar de forma segura na construção textual saudável e sentida: parte ou não de uma indicação temática; ora como estímulo para a escrita individualizada de um texto, ora com proposta de criação, em grupo, de uma só cadeia textual.

Desta forma sequencial e com fragmentos individuais, sucessivamente criados por cada participante, a partir da música, dos sons ou da expressão corporal e vocal segue-se a colagem dos fragmentos individuais criados em simultâneo e dispostos de forma harmoniosa, permitindo uma construção textual.

A educação, na escola, pela expressão dramática funcionará, se houver uma entrega e um compromisso assumidos por parte do agente educativo como uma estratégia instrumental, uma ferramenta, que longe de pretender de transformar a criança/aluno numa actriz ou num actor, procurará, acima de tudo, estimular a oralidade. Será assim, uma estratégia benéfica em ordem em um maior investimento ao nível da leitura e da escrita. Por outro lado, auxiliará na desinibição do inibido e, proporcionando a assimilação e o cumprimento natural de um conjunto de regras, proporcionará ao hiperactivo, a partir do jogo dramática uma maior atitude de acalmia e ponderação, facilitando-lhe assim o processo de concentração gradual e a manifestação de forma positiva do seu processo gradativo nas restantes áreas do saber.

Conclusão parcial II

Assim, e em tom de conclusão, constata-se que, na sociedade consumista dos nossos dias, na qual a criança se vai formando, é cada vez maior o perigo de se transformar, num “outro”, perdendo o desejo de delinear o seu próprio percurso, para atingir um objectivo que tenha nascido dentro de si própria.

A criança/aluno dos tempos actuais tem uma dificuldade imensa em falar de si, do que sente e do que pensa, reservando-se e fechando-se sobre si própria. Os projectos e a vida em comunidade são cada vez mais minorizados, perdendo assim progressivamente a confiança em si mesmo e no outro.

Como tal, pertence à escola, enquanto instituição e aos profissionais de educação, enquanto elementos de referência, na sua educação e no seu crescimento, investirem, o mais possível em estratégias diferentes e usando outras ferramentas de trabalho, novas e diversificadas, partindo do jogo, que permitam à criança/aluno, voltar a viver num ambiente pacífico, sereno e democrático, onde o respeito pelas diferenças impere.

Para isso é indispensável romper com o silêncio e ajudar as crianças a soltarem as amarras, do medo da vergonha e da insegurança que as prendem, partilhando, através da reflexão e do diálogo guiado, as suas vivências e as sensações e emoções sentidas em cada actividade do jogo dramático.

3 – Jogos em contexto de sala de aula

Actividade 1 - (Apêndices: I; II; III e IV, pp. 53, 55, 57, 59)

Objectivo: Desenvolver nos alunos o gosto pela escrita, tendo como base a Educação e Expressão Dramática

Instituição: Escola do 1º Ciclo de Seixo da Beira / Agrupamento de escolas da Cordinha – Ervedal da Beira – Concelho de Oliveira do Hospital

Turma A / 3º Ano

A Frase Certa

Duração: 1 hora

Materiais: jornais, tesoura, papel, caneta ou lápis borracha e cola

Propusemos aos alunos a construção de uma notícia, original, a partir da selecção de títulos de notícias de jornais. As crianças foram informadas de que não teriam conhecimento, do teor, do texto elaborado pelo jornalista.

Procedimento:

Foram apresentados aos alunos cinco jornais, entre diários e semanários, regionais e nacionais.

As crianças foram dispostas em quatro grupos e foram-lhes apresentados os jornais, tendo lido os seus nomes e optado por um deles.

Seguidamente, manusearam os jornais que lhes couberam, tendo escolhido dois títulos referentes a duas notícias e recortaram-nos. Entre si escolheram o título de notícia mais apelativo e fazendo de conta que eram jornalistas construíram o seu próprio texto. (Apêndices: I; II; III e IV, pp. 53, 55, 57, 59)

Após a construção textual, cada grupo leu o seu trabalho e a professora leu cada uma das notícias originais.

- Os alunos disseram ter gostado da actividade desenvolvida, porque puderam imaginar e criar novas notícias, como se fossem jornalistas, de acordo com o que sentiram com os títulos escolhidos, fazendo de conta que estavam também, naquele local.

Pontos negativos: Um dos grupos foi demasiado homogéneo, no que se refere ao seu fraco empenho, aquando de situações novas, em virtude da pouca criatividade e infantilidade de um e falta de segurança do outro, uma vez tratar-se de um par pedagógico.

Ponto positivo: Grupos compostos por elementos heterogéneos, os quais manifestaram: muita segurança e empenho por parte dos elementos dos vários grupos de trabalho, mesmo, tratando-se de dois grupos em sistema de pares e um trio.

Tabela 1

“A Frase Certa”

Alunos Em sistema de grupo	Elementos em análise							
	Auto-estima	Patilha	Ajustamento social	Consciência Linguística	Organização do pensamento	Criatividade	Expressão oral	Expressão escrita
A - B - C	4	4	4	4	4	4	4	3
D - E	4	4	4	4	4	4	4	4
F - G	3	4	4	3	3	3	3	3
H - I	4	4	4	3	3	3	3	3

Depois de construídos e corrigidos os textos narrativos em cada um dos grupos e segundo os critérios de avaliação definidos e, previamente, traçados, conclui-se que os alunos são capazes de conseguir, com êxito, uma construção textual, segundo os itens definidos para o efeito, situando-se, na sua maioria nos níveis 3 e 4.

Actividade 2 - (Apêndices: V; VI; VII; VIII; IX; X; XI e XII, pp. 61, 63, 65, 67, 69, 71, 73, 75)

Objectivo: Desenvolver a escrita do texto narrativo, a partir do jogo do faz de conta

Instituição: Escola do 1º Ciclo de Seixo da Beira / Agrupamento de Escolas da Cordinha – Ervedal da Beira – Concelho de Oliveira do Hospital

Turma A / 3º Ano

Caça Palavras

Idade: 8 anos ou mais

Duração: 1 hora

Materiais: jornais, tesoura, papel, caneta ou lápis borracha e cola

Propôs-se aos alunos a construção de uma frase, seleccionando palavras recortadas e colocadas dentro de uma caixa. A frase obtida seria o título da notícia para a elaboração de um texto.

Procedimentos

Juntamente com a professora, os alunos colocaram-se em grupo numa mesa redonda, onde estavam dispostos alguns jornais. Cada aluno leu, em voz alta, alguns títulos, fazendo seguidamente a segmentação frásica, conseguindo um grande número de palavras, ao alcance de todos. Seguidamente, em pares e um trio, cada um dos grupos seleccionou palavras, para com elas formar frases,

expandindo-as. Obtiveram, desta forma, o título da sua notícia. (Apêndices: V; VII; IX; XI, pp. 61,65, 69, 73)

Cada uma das frases construídas foi colada numa folha e os alunos simularam ser jornalistas de um canal de televisão, apresentando, de forma improvisada a notícia pretendida, adoptando uma postura própria e um timbre de voz diferente do seu, assumindo a personagem, de forma criativa.

Após esta tarefa cada um dos grupos, reuniu e escreveu o texto correspondente a cada uma das frases e das apresentações feitas. (Apêndices: VI; VIII; X; XII, pp. 63, 67, 71,75)

- Ao fazerem a avaliação da tarefa, as crianças disseram ter gostado do trabalho realizado, pois que era uma forma agradável de escrever textos: “(...) até parece um jogo! Assim, e em grupo, é mais fácil porque nos ajudamos uns aos outros!”

Pontos negativos: Insisti na formação de um grupo de par pedagógico, no sentido de conseguir, entre eles um melhor entendimento e sentido de partilha. Contudo, detectei, mais uma vez, que as suas personalidades se chocavam, entraram em conflito, o que não lhes permitiu uma construção textual que apresentasse envolvimento, entrega e enriquecimento de ideias.

Pontos positivos: Os restantes grupos manifestaram envolvimento, entendimento, um pensamento organizado e sequencial que se notou na criação textual, bem como uma certa expressividade corporal, aquando do diálogo, troca de ideias e enriquecimento vocabular, na comunicação oral.

Tabela 2

“Caça Palavras”

Alunos em sistema de grupo	Elementos em análise							
	Auto-estima	Partilha	Ajustamento social	Consciência Linguística	Organização do pensamento	Criatividade	Expressão oral	Expressão escrita
A - B - C	4	4	4	4	4	4	4	4
D - E	4	4	4	4	3	3	4	3
F - G	3	3	3	2	3	2	3	2
H - I	4	4	4	4	3	4	4	3

Se atendermos aos critérios de correcção (Apêndice XIX, p. 89) definidos para efeitos de avaliação do texto narrativo, em contexto de pequenos grupos, e à vantagem do jogo, anteriormente, executado com os alunos, conclui-se que a aplicabilidade de exercícios e diálogo, antes da construção textual, torna os alunos mais seguros e entusiasmados, na execução da tarefa.

Assim, e segundo os valores apresentados na tabela, pressupõe-se uma evolução bastante significativa, ao nível dum certo enriquecimento, no âmbito da consciência sintáctica. Os textos construídos são manifestamente, elementos que apresentam as unidades estruturais das frases, como conteúdos assimilados e aplicados por crianças nesta faixa etária, onde o jogo é o grande impulsionador e trampolim para uma entrega emocional à tarefa que lhes foi proposta.

Actividade 3 (Apêndices: XIII; XIV, pp. 77 e 79)

Objectivo: Desenvolver as competências da escrita criativa

Instituição: Escola do 1º Ciclo de Seixo da Beira / Agrupamento de escolas da Cordinha – Ervedal da Beira – Concelho de Oliveira do Hospital

2º Ano / Turma B

Idade: 8 anos

Tempo de Duração: 2horas

Pequenos Escritores

Propôs-se aos alunos a participação em jogos de identificação de sons e faz de conta, reproduzindo uns e criando outros. Após todo o trabalho de jogo simbólico os alunos foram convidados a construir uma história, apenas a partir da observação e interpretação das imagens de um livro.

Procedimento:

De olhos tapados, os alunos ouviram e identificaram os vários sons produzidos, pela professora e reproduziram-nos. De seguida e de forma voluntária, cada criança reproduziu outros sons, incluindo os de animais e da natureza.

A professora registou no quadro, em colunas, os respectivos sons e seleccionando-os de forma gradativa, um, dois, três, foram musicados e as crianças reproduziram-nos e comunicaram-nos pela expressividade corporal e de voz.

Dividiu-se a turma em dois grupos e, em ar de *rap*, metade da turma dizia: **onoma** e a outra metade dizia: **topeia**.

As onomatopeias que traduziram vozes de alguns desses animais foram seleccionadas e utilizadas, à medida que os alunos construía, oralmente, uma história, a partir da observação, apenas das imagens da obra: “A Gansa Tolinha” – Marni McGee / Alison Edgson. Colectivamente e sob orientação da professora,

as crianças criaram uma história que resultou diferente da original. (Apêndice: XIII, p. 77)

A professora leu a história do referido livro e, numa tabela, as crianças registaram os aspectos comuns e diferentes entre a história de autor e a criada por eles. (Apêndice: XIV, p. 79)

- Aquando da avaliação, oral, com as crianças, elas manifestaram o seu entusiasmo, pedindo que a professora fosse mais vezes à sua sala para fazerem mais trabalhos daqueles.
- É de salientar que devido à baixa faixa etária e heterogeneidade desta turma, optou-se por fazer a construção textual colectiva, de forma a criar, nas crianças, segurança e auto estima, incentivando e optando pelo reforço positivo, o que permitiu que todas as crianças participassem e enriquecessem, entre si, não só o vocabulário, como aperfeiçoassem o pensamento organizado e criassem a história, obedecendo a uma sequencialidade de ideias, obedecendo ao espaço e ao tempo em que cada cena se desenvolvia.

Pontos negativos: não identificados

Pontos positivos: As crianças manifestaram ideias coerentes, a partir da interpretação das imagens da obra, apresentada; capacidade de verbalizar ideias, sentimentos, opiniões e pontos de vista; enriquecimento vocabular; manifestações de agrado e envolvimento; partilha e enriquecimento na construção frásica; preocupação em adjectivar; incentivo para a participação das menos seguras; aplicação correcta dos tempos verbais;

Tabela 3

“Pequenos Escritores”

Alunos em sistema de grupo	Elementos em análise							
	Auto-estima	Partilha	Ajustamento Social	Consciência Linguística	Organização do pensamento	Criatividade	Expressão oral	Expressão escrita
Colectivo	3	4	3	3	3	4	3	4

O texto escrito construído de forma colectiva é uma das estratégias válidas neste âmbito, e que se entende ser indispensável introduzir, cada vez mais, cedo nos hábitos de escrita das crianças, como forma de as fazer sentir mais seguras, nas propostas de trabalho apresentadas, aumentando o valor criativo. Assim, elas vão apercebendo que a sua ideia é sempre uma sugestão inacabada, mas que virá a ser enriquecida pelos companheiros, fortalecendo os laços de parceria, respeito e cooperação.

O somatório de qualidade do texto escrito é tão mais rico, quanto maior for o número de indivíduos envolvido sem, contudo, se permitir anular a singularidade, as características e a perspectiva de cada um dos intervenientes

Neste tipo de trabalho foi este o nosso propósito, o qual entendemos ter conseguido após a análise da tabela e atendendo aos valores atribuídos em cada um dos parâmetros, aquando da prestação dos alunos.

Actividade 4 - (Apêndices: XVI; XVII; XVIII, pp. 83, 85, 87)

Objectivo: Desenvolver apetências criativas textuais a partir das emoções sentidas, através da música

Instituição: Escola do 1º Ciclo de Seixo da Beira / Agrupamento de escolas da Cordinha – Ervedal da Beira – Concelho de Oliveira do Hospital

3º Ano / Turma A

Duração: uma hora e meia

Materiais: computador; internet; CD's

A partir da necessidade intensa de melhorar a construção textual, os alunos foram convidados a seleccionar uma música, entre as que lhes foram apresentadas. O convite teve o intuito de motivar, usando outros recursos e outra forma de linguagem, para, através da música, os sensibilizar e aperfeiçoar sensações que conseguissem aplicar na construção de um texto narrativo.

Um Concerto com história

As crianças foram informadas da actividade que iria decorrer e na qual participariam, à medida que íamos preparando o espaço.

Foi-lhes pedido que se deixassem embalar e envolver pela música que iriam ouvir, de modo que tentassem perceber as sensações e emoções que a mesma lhes transmitia e o que teria sentido Mozart ao escrevê-la.

Num ambiente à média luz, deitados no chão sobre umas mantas, de olhos fechados e numa posição confortável e de relaxe ouviram, Mozart, Piano Concerto Nº 21, Andante – interpretado por Elvira Madigam.

Após a audição dialogámos acerca dos instrumentos que conseguiram distinguir, do que sentiram, onde se imaginaram e que pessoas entrariam na história daquela música, tendo surgido a listagem de sentimentos, emoções, sensações e desejos. (Apêndice: XV, p. 81)

Tabela 4

“Um Concerto com História”

Alunos em sistema de grupo	Elementos em análise							
	Auto-estima	Partilha	Ajustamento Social	Consciência Linguística	Organização do pensamento	Criatividade	Expressão oral	Expressão escrita
A - B - C	4	4	4	3	4	4	4	4
D - E	4	4	4	3	3	3	4	3
F - G	3	3	3	2	3	2	3	2
H - I	4	4	4	4	3	4	4	3

A metodologia utilizada tem como fim o enriquecimento lexical e aperfeiçoamento da sintaxe. Melhorar a lógica e sequência das ideias a partir de sentimentos e emoções vividas. Quando falamos em lógica já nos inserimos num processo bastante sofisticado e por isso os alunos, em geral, enfrentaram o desafio, sentindo-se seguros, face a algumas das dificuldade de compreensão no que se refere à estrutura do texto, num processo que os organize.

3.1 – Construção textual desenvolvida com os alunos

A utilização dos jogos dramáticos, na construção dos textos colocou os alunos num tempo indeterminado, excluindo qualquer possibilidade de cada história ter realmente acontecido ou de alguma forma estar relacionada consigo. Dessa forma, livrou-se de alguma dureza da realidade, criando o seu espaço para a imaginação.

Na construção textual elaborada pelos alunos, aquando das quatro actividades desenvolvidas, é perceptível que cada criança manifesta as suas sensações e conflitos ainda que de forma indirecta, servindo-se do enredo, das personagens e do contexto. Pois trata-se de um processo semelhante àquele que utiliza enquanto

brinca. É esta forma diferente de motivação que faz do material que lhe é apresentado, um recurso ao qual dá vida e um valor simbólico.

Os textos que cria, como partem de situações de relaxe e diversão, não os sentem como tempo perdido, mas antes como momentos de descanso da realidade, onde a partilha dialogada as faz sentir crianças mais seguras, de tal modo que escrevam, como pensam e como sentem.

Procedimentos:

No primeiro desafio, entre uma quantidade razoável de jornais, as crianças/alunos, em sistema de grupo de trabalho, seleccionaram dois deles. Folhearam-nos e leram alguns dos títulos, sem que tomassem conhecimento daquilo a que o referido título contextualizava. Recortaram dois títulos do seu agrado, colaram-nos numa folha em branco e, a partir daí, fazendo de conta que eram jornalistas criaram a sua própria notícia. (Apêndices: I; II; III e IV, pp. 53, 55, 57 e 59)

A professora ia passando pelos grupos, dialogando, orientando e acertando ideias.

Concluída esta parte da tarefa, construíram-se protótipos de um aparelho de televisão, com caixotes e, cada grupo fez a apresentação da sua própria notícia, como se de um canal de televisão se tratasse.

A segunda proposta de trabalho, iniciou-se com a apresentação de jornais, revistas e panfletos variados, em sistema de grande grupo, onde os alunos escolheram os mais variados títulos e palavras soltas. Recortaram as palavras, colocando-as numa caixa, no centro duma mesa redonda onde se situavam com a professora excluíram-se os materiais em excesso.

Seguidamente, foi entregue uma folha em branco a cada grupo formado. Nessa folha, os alunos colocavam, as palavras que iam retirando da caixa, consoante a frase que pretendiam e a qual haveria de servir de título ao

texto/notícia que haveriam de construir. (Apêndices: V; VII; IX; e XI, pp. 61,65, 69 e73)

O texto foi elaborado em grupo e foram prestadas as devidas informações, sempre que necessárias. Posteriormente, os vários textos foram apresentados e comunicados, na televisão improvisada para outra turma que representava o público. (Apêndices: VI; VIII; X e XII, pp. 63, 67, 71 e 73)

A terceira aposta, como outra variante de construção textual, consistiu no vendar dos olhos aos alunos e sensibilizá-los para ouvirem os sons do interior da sala, produzidos pela professora e, de seguida, reproduzidos por eles, voluntariamente. Já sem vendas, os sons registados no quadro, em coluna, foram seleccionados de forma gradativa, quanto ao grau de dificuldade e musicados. O grupo/turma estava dividido em dois grupos menores, os quais servindo-se: da voz e da expressão corporal, batimentos rítmicos, uns sucessivos, outros alternados e em tom de *rap* os reproduzia e comunicava, entre si.

As onomatopeias que traduziam vozes de animais foram seleccionadas e enfatizada a sua utilização para, posteriormente, serem utilizadas na construção textual.

Da obra: “A Gansa Tolinha” – Marni McGee/Alison Edgson, os alunos tiveram, apenas, acesso às imagens e, colectivamente, sob a orientação da professora, as crianças criaram uma outra história que resultou diferente da original. (Apêndice: XIII, p. 77)

Foi lida a história original aos alunos e numa tabela registaram-se os aspectos comuns e diferentes entre a história de autor e a criada por eles. (Apêndice: XIV, p. 79)

Num quarto repto pediu-se aos alunos que se alterasse a configuração da sala. Desviou-se o mobiliário, o chão cobriu-se com mantas e almofadas e a luminosidade era ténue. As crianças espalharam-se, cada uma para o canto que mais lhe agradou, e foi-lhes pedido que se deixassem embalar, de olhos fechados,

à medida que ouviam uma música: Mozart, Piano Concerto nº 21, Andante – interpretado por Elvira Madigam.

A música terminou, mas os alunos pediram para a ouvir uma vez mais. Deu-se, gradativamente, mais luz à sala e, na mesma posição em que se encontravam iam falando do que a música lhes tinha sugerido e provocado, ao nível das sensações. Dialogou-se abertamente, acertaram-se e sequenciaram-se ideias, criaram-se personagens e a professora ia registando no quadro, utilizando-se esses elementos como ponto de partida para a construção textual, em grupo. (Apêndices: XVI; XVII; XVIII, pp. 83, 85, 87)

3.2 – Análise de dados

Utilizaram-se vários tipos de linguagem no decorrer das actividades: linguagem gestual e corporal, linguagem oral e escrita, sem haver necessidade de críticas constantes e desmotivadoras. Valorizou-se e enriqueceu-se o contributo, pelo diálogo partilhado e pela reflexão, ao nível das sensações, a consciência, o ser enquanto *Pessoa*, a perspicácia e uma aprendizagem com base na sensibilidade, que permitisse, aos alunos ver e sentir de outra forma. A experiência de cada criança enriqueceu a experiência da outra, não as condicionando, mas lançando-as num mundo vivenciado de maior abertura e cooperação solidária.

Analisando cada um dos textos criados, à luz dos critérios de correcção seleccionados e dos parâmetros definidos para o efeito, (Apêndice: XIX, p. 89) constata-se que a expressão dramática e o jogo simbólico podem funcionar como um contributo para o desenvolvimento da expressão escrita. As experiências vivenciadas pelas crianças e a forma como se envolveram em cada uma das actividades, condicionaram a sua prestação, expressando-se de maneira diferente e melhor, uma vez que a partilha aumentou o seu capital lexical.

Conclusão parcial III

Enquanto elemento activo no desenrolar das actividades, o aluno teve a possibilidade de experienciar situações novas, que foram do seu agrado e, servindo-se do corpo e da voz, transmitir, falar e, sabendo ouvir, aquilo que precisava partilhar com o grupo, de forma ordeira. Pois comunicar, aquilo que era fruto do pensamento e comparando-se, conduziu-o a um maior estado de segurança, estabilidade, socialização e criatividade, expressando-o, através do diálogo crítico e construtivo e, posteriormente, reflectindo-se na construção textual.

Ao desenvolver a expressão escrita, desta forma, a criança sentiu-se muito mais comprometida com o trabalho, revendo-se, após cada momento de reflexão e esforçando-se por alterar atitudes, despindo-se de preconceitos e pudores, mas respeitando e adquirindo novos valores. Foram-lhe dadas as possibilidades de se conhecer melhor, nas suas características pessoais, construir a sua identidade e descobrir de forma mais sensata e honesta o seu interior. É o diálogo, ao longo deste percurso, que possibilita, à criança, um aumento gradual do seu capital lexical e emocional, os quais passa a utilizar, quando lhe é pedida a construção textual.

4. CONCLUSÃO

O capítulo primeiro foi exclusivamente dedicado a mostrar que a educação da criança, pela expressão dramática é uma forma riquíssima e fundamental de conquistar, emocionalmente, as crianças. Desta forma, apelou-se ao que de mais profundo são os seus sentimentos e em que medida o diálogo acerca dos mesmos, em contexto de uma relação interpessoal e intrapessoal, saudáveis, permite criar, na criança, o gosto pela escrita e uma construção textual mais rica e sentida.

Conscientes de que a estrutura dialógica, ao descrever um tipo particular de relação entre duas posições – entre o *Eu* e o *Outro*, ou entre duas vozes textuais, abre novas perspectivas de interpretação, apresentando-se o jogo dramático como um processo estimulante e de grande riqueza pedagógico / didáctica. Esta

pedagogia permite ao aluno um enriquecimento transversal, através da pesquisa, abrangendo vários temas, bem como o desenvolvimento singular, do ser, enquanto pessoa. Os alunos aprenderam a trabalhar em grupo, respeitando as diferenças, entendendo que se enriqueciam enquanto partilhavam, que existiam outras formas de comunicar e que a professora estava presente, como alguém que acolhe e ajuda a orientar e a organizar, aquilo que foram os seus pensamentos e emoções. Como elemento integrante das actividades propostas e dos resultados obtidos, as crianças sentem-se, pelo jogo dramático, genuínas e espontâneas na comunicação, tanto oral como escrita.

É indispensável, para uma formação saudável, que a criança tenha pontos de referência, sendo aqueles em quem, primeiramente, aprende a confiar. Só desta forma se lhe proporciona um processo, progressivo e valioso de aprendizagem/ensino, de forma que a criança/aluno, interaja enquanto elemento e parceiro, negociando e dialogando.

Para o efeito utilizaram-se ferramentas expressivas de trabalho, as quais permitem à criança/aluno, resolver os seus problemas com a criação, construção e produção textual, de forma a tornarem-na mais rica no campo semântico e lexical.

No decorrer deste trabalho, e no segundo capítulo, optou-se por um período de reflexão, tentando compreender-se, até que ponto, a prática do jogo dramático pode desencadear, nos alunos, a aquisição de competências ao nível da oralidade, projectando-se, estas, no enriquecimento da escrita, encaminhando a criança/aluno a adquirir um capital lexical elevado, que lhe permite um progresso transversal e de maior abertura a um leque variado de conhecimentos.

Enquanto elemento activo no desenrolar das actividades, o aluno teve a possibilidade de experienciar situações novas, que foram do seu agrado e, servindo-se do corpo e da voz, transmitir, falar e, sabendo ouvir, aquilo que precisava partilhar com o grupo, de forma ordeira. Pois comunicar, aquilo que era fruto do pensamento e comparando-se, conduziu-o a um maior estado de segurança, estabilidade, socialização e criatividade, expressando-o, através do

diálogo crítico e construtivo e, posteriormente, na construção textual. A aprendizagem da escrita foi assim enriquecida pelo confronto de interpretações acerca do mesmo texto e das diversas produções escritas.

Desenvolvendo-se a expressão escrita, desta forma, a criança/aluno sentiu-se muito mais comprometida com o trabalho, revendo-se, após cada momento de reflexão e esforçando-se por alterar atitudes, despindo-se de preconceitos e pudores, mas respeitando e adquirindo novos valores. Foram-lhe dadas as possibilidades de se conhecer melhor, enquanto pessoa e ser pensante; construir a sua identidade. As emoções e sentimentos vividos pelos alunos nas actividades de escrita foram cruciais para construir a relação com esta competência, aumentando deste modo o seu capital lexical, o qual passa a utilizar, quando lhe é pedida a construção textual. Essas emoções e sentimentos foram construídos durante todo o processo, por meio da indução de situações de jogo simbólico e dramático, possibilitando a integração de saberes de uma forma colaborativa.

5. PERSPECTIVAS FUTURAS

Cada vez mais, a educação aparece, na vida do ser humano como um desafio, face às exigências e às mudanças no ensino, bem como às fontes de interesse que atraem, de forma diferente, crianças, adolescentes e jovens. Assim, os responsáveis pela educação das novas gerações, pais, professores e entidades máximas desejam poder contar com uma escola pluridimensional, onde o prazer e o conhecimento convivam saudavelmente.

Nos tempos de hoje, a barreira das emoções, da partilha, do convívio saudável, da sensibilidade, do empreendedorismo e do respeito pelo *Outro* está difícil de ser ultrapassada. Os valores estão comprometidos bem como atitudes assertivas que auxiliem os jovens e adolescentes a encontrarem o seu caminho, sendo, por vezes, a sua postura originada pela falta de referências.

Assim, e depois de ter realizado este trabalho com crianças do 1º ciclo compreendi que, através de abordagens coerentes e ao mesmo tempo lúdicas, imbuídas de responsabilidade, diálogo e cumprimento de regras, é também possível desenvolver este projecto nos 2º e 3º ciclos.

Esta dinâmica poderia ser um contributo psicopedagógico e didáctico, no sentido de formar seres humanos mais conhecedores do mundo e da vida, podendo auxiliá-los na aquisição de competências mais sólidas.

Estes contributos podem permitir aumentar a sua auto-estima e segurança enquanto *Pessoa* e estudantes sabedores das suas capacidades e das suas fraquezas, rumando com mais gosto ao encontro dos seus objectivos. Só de uma forma sustentada e aprazível poderá apostar-se numa escola rejuvenescida, que apele à tríade família / alunos / professores, como verdadeiros parceiros, no sentido de se formar uma sociedade com mais sucesso.

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, F. e Lopes. E. (2000). *Aprender a dominar a escrita*. 3ª Edição, Texto Editora Lda. Lisboa
- Aguiar, V. T. e Zilberman, R. (1988:26). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. RS: Mercado Aberto. Porto Alegre.
- Alarcão, M. L. (1995). *Motivar para a leitura*. 1ª Edição, Texto Editora. Lisboa
- Andreola, B.A. (1991:21). *Dinâmica de Grupo – Jogo da Vida e Didáctica do Futuro*. Edições Vozes: 7ª edição. Petrópolis.
- Bettelheim, B. (1980: 14 e 15). *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 3ª edição, Paz e Terra. Rio de Janeiro
- Brandão, G. M. (2005). *Linhagens do pensamento político brasileiro*. Dados v.48 n.2. Rio de Janeiro.
- Cantero, J. L. (2005:39;108; 120). *Una propuesta para desarrollar las habilidades comunicativas com técnicas dramáticas*. in *Textos de Didáctica de la Lengua y de la Literatura*. Gulbenkian. Casa da Cultura.
- Costa, C. e Marques R. (2008). *Papel da família na educação ética das crianças: pais e filhos em idade pré-escolar: que valores éticos?* Acedido em: 10, Agosto, 2011.
- Diário da Republica - *Portaria nº 53 / 2010* de 4 de Junho de 2010.
- Elias, D.G.E. (2001). *Celestin Freinet - uma Pedagogia de Actividade e Cooperação*. Editora vozes. Rio de Janeiro.
- Dienesch, M. (2000). *A criança e a expressão dramática*. Guimarães Editores. Lisboa
- Gook, S. (1998). *Eu escrevo peças de teatro*. Editora Pergaminho. Lisboa

- Leenhardt, P. (1974:73). *A criança e a expressão dramática*. Estampa. Lisboa
- Lopes, M. (2010). *Aprendizagem inicial da leitura e da escrita e níveis de stress escolar infantil*. Psicossoma Livraria Editora. Viseu
- Melo, M. C. (2005). *A expressão dramática à procura de percursos*. Livros Horizonte. Lda. Lisboa
- Monteiro, R. F. (1994). *Jogos Dramáticos*. Editora Ágora. S. Paulo
- Freire, P. (2001). *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*: Editora UNESP. São Paulo.
- Pereira, L. A. (2008). *Escrever com as crianças e como fazer bons leitores*. Porto Editora. Porto
- Pereira, L. A. e Rocha, F. (2006). *A produção colectiva de um texto dramático no 1º ciclo. Actas do 6º Encontro Nacional. 4º Internacional de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Universidade do Minho. Braga
- Pierre, L. (1974). *A Criança e a Expressão Dramática*. Editora Estampa. Lisboa
- Rodari, G. (1993). *Gramática da Fantasia*. 5ª Edição, Editorial Caminho, SA. Lisboa
- Rooyackers, P. (2003). *100 Jogos de linguagem*. 1ª Edição, Edições ASA. Porto
- Serra, A. B. (2008). *Escrita no Ensino Básico – Contributos para uma reflexão -* [Comunicação proferida no III Congresso sobre A Aquisição da Linguagem. ESE – Guarda. Acedido em: 9, Agosto, 2011.
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. 1ª Edição, Edições ASA. Porto
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. 3º Volume. Instituto Piaget. Lisboa
- Vieira, M. C. (2010). *O ensino do Português*. Relógio D'Água Editores. Lisboa

APÊNDICES

“A Frase Certa”

Apêndice I

Grupo: A - B - C

Região Centro viaja até à Holanda

A Câmara Municipal organizou uma viagem de turismo até à Holanda. A Câmara teve de alugar seis autocarros, porque o número de pessoas era grande, e ainda a Câmara Municipal anunciou que iam partir às 10h da noite.

Chegaram às 10h da noite e já estavam todas as pessoas à espera dos autocarros. Quando chegaram os autocarros, as pessoas entraram e partiram para a Holanda. Durante a viagem, quase todas as pessoas vomitaram.

De Portugal para chegar à Holanda tiveram de atravessar vários países e demoraram várias horas parando em vários países. Pararam em França para verem a linda e maravilhosa Torre Eiffel, também pararam em Bélgica para conhecerem o lindo país. E finalmente chegaram à Holanda. Quando pararam saíram dos autocarros e foram buscar as malas à bagagem e os seguranças holandeses deram-lhes quartos para dormirem.

A razão ^{pela qual} porque a Câmara Municipal organizou a viagem à Holanda, porque queriam ver os campos com as maravilhosas e lindas tulipas de várias cores.

De regresso, um grupo de três amigos que vinham em companhia resolveram fazer uma plantação de tulipas e, ao mesmo tempo, construir uma estufa para ^{que, as} quando podem aquela coisa bonita, para se poderem lembrar de quando foram à Holanda. Também para as pessoas visitarem e para eles venderem algumas tulipas.

“A Frase Certa”

Apêndice II

Grupo: D - E

Andava com arma na escola

Um jovem com 17 anos foi apanhado com uma pistola na escola. Chamava-se Gilberto.

Quando saiu da escola deixou cair a pistola, enquanto uma rapariga da sua turma passava ao seu lado, ficou admirada e foi diretamente para o posto da G. V. R. Ela viu a pistola no lixo e foi entregá-la à G. V. R. O senhor guarda ainda lhe fez algumas perguntas para lhe facilitar a vida. Entretanto perguntou-lhe se tinha algum cúmplice e ele, muito nervoso, disse que sim. O sergente de guarda foi ouvir que era a alma, sua filha. Levou-a para a esquadra e, com muita tristeza, prendeu-a e a ele também e deu-lhe 2 chapadões. De seguida foi falar com os pais do Gilberto e com a professora deles.

Enquanto estavam presos apaixonaram-se e depois de 10 anos saíram da prisão, mas o pai dela não concordou com o namoro.



“A Frase Certa”

Apêndice III

Grupo: F - G

Reis desfilam esta noite em Coimbra

Sete pessoas desfilavam em Coimbra vestidas de Reis a pedir Rezinha e a cantar. Algumas pessoas levavam um saço na mão para colocarem os reinóis e outras levavam uma bandeira com uma coroa.

Uma menina também desfilou com as pessoas e com os amigos, mas de repente ela perdeu-se no caminho. Os pais ficaram preocupados com a filha e então foram à procura dela, mas não a encontraram e ficaram tristes. Então chamaram a polícia para a encontrar e ela foi à procura dela e encontrou-a. Ela estava de baixo de uma árvore, então a polícia levou-a à mãe e ao pai. Eles ficaram felizes quando viram a sua filha e perguntaram-lhe como é que ela se tinha perdido. Ela disse que, enquanto estavam a desfilar que se tinha perdido.



“A Frase Certa”

Apêndice IV

Grupo: H - I

Camionistas aumentam preços dos serviços

Camionistas querem aumentar os preços dos serviços, porque o aumento do combustível ^é muito caro e como não tinham dinheiro que chegasse para fazerem as suas viagens para outros países pediram ao seu patrão para aumentar o dinheiro que ganhavam durante todos os serviços, e como o mundo estava em tempo de crise o patrão não se podia ajudar. Mas os camionistas dizem que se não lhes desse o dinheiro eles despediam-se.

Como o patrão não queria ficar sem empregados deu-lhes o dinheiro.

Como já tinham o dinheiro fizeram tudo o que o patrão lhes pedira; mas ^{por} uns dias houve outra subida de preços e como o patrão já não tinha mais dinheiro tiveram de trabalhar mais e daí conseguiram comprar muita coisa.

Conforme trabalhavam mais horas conseguiram que o tempo de crise acabasse e que as pessoas tivessem melhor vida.

Devido ao aumento dos combustíveis

Primeiro Janeiro
1910

Camionistas aumentam preços dos serviços

“Caça Palavras”

Apêndice V

Grupo – A – B - C

HOJE na Páscoa Mulher de **LUXO** de
CDS com 650 mil armas e Joaquim Naval
Avança e **PROCURA** lá Mercedes dentro
de **CASA** 1º ANDAR do CASTELO BRANCO Atleta **BARATA** de Leiria
renovam o concurso gigante de cabazes
mundiais de Madrid

Apêndice VI – Construção Textual

Grupo: A – B - C

Hoje na Páscoa mulher de luxo de CDS com 650 mil armas e joaquim Naval avança e procura lá Mercedes dentro de casa 1º andar do Atleta Barata de Leiria renovam o concurso gigante de cabazes mundiais de Madrid

Hoje, que começa a Páscoa, nós os três: Bernardo, Laura e Gonçalo vamos apresentar uma notícia que se chama: hoje na Páscoa mulher de luxo de CDS com 650 mil armas e joaquim Naval avança e procura lá Mercedes dentro de casa 1º andar do Atleta Barata de Leiria renovam o concurso gigante de cabazes mundiais de Madrid.

A mulher de luxo de CDS tinha duas armas que custavam muito dinheiro.

Então como ela tinha muito, muito dinheiro decidiu comprar mais 648 mil armas muito caras.

Um homem chamado joaquim Naval não encontrava a sua mulher Mercedes e então foi procurá-la ao 1º andar da casa do Atleta Barata de Leiria.

Percorreu a casa toda e, só quando foi à garagem é que a encontrou, amarrada, dentro do carro do Atleta.

Mas, ele teve um problema, foi que não sabia onde estavam as chaves do carro, mas então chamou as autoridades (G.N.R.).

A G.N.R. veio por de trás dele e prendeu-o, e o joaquim Naval foi a casa do Atleta e encontrou as chaves do carro.


Assim, tirou a Mercedes de dentro do carro e foram felizes e ^{participaram} ~~participaram~~ no concurso gigante de cabazes de Madrid.

Adeus não assaltam ninguém

“Caça Palavras”

Apêndice VII

Grupo: D – E

A Praia de S. Manuel Ladrão está m obras
na **CIDADE** de Mira **Porque** o capitão
Renato Cantanhede Foi ao tribunal,
para **sofrer** o:tragos **FOI** perseguido **12 KM**
até **do** caixote do lixo **fim** 

Apêndice VIII – Construção Textual

Grupo: D - E

Canal J. B. J. B., 888

A praia de J. Manuel Leadrão está em obras na cidade de Mira porque o capitão Renato Cantanhede foi ao tribunal, para reparar estragos foi perseguido 12 KM até ao caixote do lixo. fim

Bom-dia !!!, alegria.

Ola eu chamo-me Trés Branquinho, estou na praia de J. Manuel Leadrão que está situada na cidade de Mira.

Vou falar-vos um pouco sobre a praia de J. Manuel Leadrão... a praia de J. Manuel Leadrão está em obras, porque o capitão Renato Cantanhede foi ao tribunal dizer que queria aquela praia completa. Estava quase a fazer 71 anos quando foi outra vez ao tribunal.

Uns tarados queriam vingança com o capitão Renato Cantanhede, ^{Então} ~~estão~~ para se vingarem, perseguiram-no, 12 km, até ao caixote do lixo.

Por esse motivo a família de Renato, ~~com~~ ^{em} solidão, festejaram o aniversário dele, no hospital. Depois de alguns dias morreu. A partir desse dia, a comunidade ficou sem cor, sem felicidade, sem diversão.

E assim, aquela família ficou triste ~~de~~, ninguém da cidade sabia porque é que, de repente, morreu um bebe dos pais de Renato. Fim da notícia.

Esta notícia deu um pouco de tristeza, mas já voltamos para as notícias das 13:00 h.

“Caça Palavras”

Apêndice IX

Grupo: F - G

A câmara aperfeiçoa Resultado dos
adeptos / carenciados Investigadores
Orçamento e **COMERCIAIS** **SÓ** **A**
6.ª FEIRA
estabilidade Mais **BARATA** O
apoio de **EMPREGO** E
QUALIDADE de **Classificado**

Apêndice X – Construção Textual

Grupo: F – G

G.M 200

A Câmara apresenta resultados dos apoios concedidos, Investidores, Comerciantes e comercios só 6ª feira et estabilidade esta mais Barata o apoio de emprego a qualidade de Classificada.

Bom dia nós chamamos-nos guilherme e Helena estamos na escola E.B.1 de Leixa da Beira, onde vamos falar de uma noticia da Câmara.

A câmara ajuda as crianças e as pessoas que não tem dinheiro e também apresenta a emprego para as mães ganharem dinheiro.

A estabilidade esta mais barata em Leixa, só 6ª feira a qualidade esta mais barata em Nelas.

14-02-2017

Apêndice XI

Grupo: H – I

a Zona Industrial de Costa em Tonde
garante **TODOS!** os Bombeiros
descontentes Faleceu Vítor Alve
Cantanhede em três minutos
JARDIM de Marfim

Apêndice XII – Construção Textual

Grupo: H – I

"Canal Africano"

A zona industrial de Costa em Londelela garante todos os bombeiros descontentes porque faleceu Vitor Silves em Cantanhede em três minutos no jardim de Marfim.

- Bem dia, nós Frederico e Dora estamos aqui em Cantanhede junto de um bombeiro que parece estar descontente porque faleceu Vitor Silves que também fazia parte do corpo de bombeiros.
- E agora temos aqui os investigadores para sabermos quem assassinou Vitor Silves. Ainda não descobriram que foi assassinado no jardim de Marfim.
- Estou a ver que estão quase a encontrar a pessoa que assassinou Vitor Silves e também conseguiram descobrir que a morte foi em três minutos.
- É já descobrimos quem matou Vitor Silves que foi Renato da Silva Costa, mas Renato disse que não tinha sido ele, negou.
- É para ver que foi ele, os investigadores mostrariam-lhe as pistolas.
- Até agora tivemos a apresentar no canal Africano.

17-1-2011

“Pequenos Escritores”

Apêndice XIII

Texto Colectivo

“A menina Lime e a Raposa Marteira”

Há muitos, muitos anos, na quinta da Pastelaria, vivia um beco e degustador Lime.

Pela manhã a menina Lime saiu de casa enfeitada com um colar de pérolas azuis.

Pelo caminho encontrou uma abelha e disse-lhe:

- Olá minha amiga Lime, que fazes por aqui?

- Ando a passear e vou tomar um delicioso bombão no lago azul.

E lá seguiu o seu caminho, encontrando um pormarinho e a Raposa Marteira. Cumprimentaram-se e a Raposa Marteira fingiu que estava apaixonada pela Menina Lime.

Ela não deu importância e seguiu o seu caminho.

Mais adiante encontrou a sua amiga vaca a pastar no prado e a Raposa Marteira sempre a espreita, entre as árvores e os arbustos. Tentou-se debaixo de uma árvore, à sombra, a pensar, numa forma de se aproximar dela e, já, comê-la.

Mas a Raposa Marteira não conseguiu, porque a Menina Lime deu-lhe uma bicada, no rabo que.

No dia seguinte, a Lime estava tão bonita! Coberta de rosas, com o seu colar de pérolas azuis, no pescoço.

De repente, apareceu uma abelha atraída pelo cheiro agradável e saleroso das flores. Logo apareceram um grande enxame que, quase a depenou e lhe tirou as rosas.

Ela, só teve tempo de gritar, de correr e de fugir para casa.

A Menina Lime ao abrir a porta, apanhou um grande susto porque a Raposa Marteira deu um grande salto de dentro do baú, disfarçada de cisne, para a devorar mais facilmente.aquele que lhe valeram os seus amigos, que a salvaram assim, porque estavam a ver, através de uma janela.

Eles entraram e atacaram a Raposa Marteira, não deixando que ela fizesse mal à Menina Lime.

Apêndice XIV

Grelha de registo

A Gansa Tolinha / A Menina Cisne e a Raposa Matreira	
Semelhanças	Diferenças
as personagens são: raposa, cisne e pavão.	as personagens são: lobo, cisne e pavão.
- A raposa queria comer a gansa	- A cisne tomou banho no lago azul.
- A Raposa disfarçou de Cisne.	- A gansa dizia ter perdido as orelhas.
	- A Raposa disfarçou de pavão.
	- A Raposa fugiu que estava apavorada pela

“Um Concerto com história”

Apêndice XV

Tabela de Registo de Sensações

Sensações	Locais possíveis	Personagens
Paz	Salão de baile	Pianista
Amor	Palácio	Meninos sem pais
Amizade	Rua comprida com amigos	Duas bailarinas
Alegria	No campo	Violinistas
Felicidade	Numa ilha	Pessoas a dançar
Abandono	Terra romântica	Menino sem comer
Suavidade		Amigos e irmãos
Carinho		Eu e os animais
Paixão		
Tranquilidade		

“Um Concerto com História”

Apêndice XVI – Construção Textual

Se fizermos de conta que Mozart não morreu e conseguiu terminar a obra “A Flauta Mágica”, cria a sua história a partir daí.

Mozart, para conseguir acabar a sua obra, “A Flauta Mágica”, teve que convencer as pessoas a acreditarem nele, conseguindo com que as pessoas o ajudassem. Assim conseguiu acabar a sua obra e depois fez 36 anos. Depois de toda a gente acreditar nele, e ele ter o dinheiro que as pessoas lhe davam, ele conseguiu comprar milhares de instrumentos. Ele fez ainda outra música para apresentar em palco, mas as pessoas não gostaram da segunda música e como queria ganhar dinheiro ficou muito pobre. Ficou sem dinheiro e, depois de se passarem uns dias, ele já se sentia só e sem amigos. Como não tinha comida ele sentia-se abandonado e acabou por morrer, só...

Apêndice XVII – Construção Textual

Se fizermos de conta que Mozart não morreu e conseguiu terminar a obra: "A Flauta Mágica".
Leria a sua história a partir daí...

Mozart, continuando casado com Constanze, sua mulher, e trabalhando na Maçonaria, para acabar e apresentar a música: "A Flauta Mágica".

Logo de manhã levantava-se e ia treinar a sua bela música: "A Flauta Mágica", para ir apresentá-la à Maçonaria e o ocitarem, para fazer um concerto e mostrar ao público.

Passaram-se dois anos e ele ainda andava a ensaiar, sem comer ao: ao pequeno-almoço, ao almoço e ao jantar, apenas à tarde comia um pão e uma banana. Passaram alguns dias e... finalmente, conseguiu acabar a obra: "A Flauta Mágica" que foi tocada ^{lizada} à Maçonaria.

Nos quarenta anos Mozart realizou o seu sonho, mostrar e tocar a música: "A Flauta Mágica" em público. No dia seguinte, Mozart sentiu uma dor nos pulmões e foi ao médico que lhe disse ter uma tuberculose. Nos quarenta e dois anos morreu.

Foi uma grande perda!...

Apêndice XVIII – Construção Textual

Le fizemos de conta que Mozart não morreu e conseguiu terminar a obra; [†]A Flauta Mágica.[†]
Cria a sua história a partir daí...

Depois dos elogios de Beethoven, Mozart foi acabar a Flauta Mágica (música).

Ele foi acabando a Flauta Mágica, aos poucos, e, aos 37 anos, a Flauta Mágica já estava pronta.
[†] Depois disso, Mozart foi convidado pela maço-maria para dar um grande concerto com a obra a Flauta Mágica.

A assistir ao concerto estiveram cerca de 20.100 pessoas, cada pessoa tinha de pagar 1€ para ver o concerto de Mozart.

Depois do concerto, Mozart recebeu 20.100€ por todo o seu talento.

Depois desse dia, Mozart viveu feliz, muito feliz e teve amigos e uma namorada.

†, aos 73 anos, ainda estava vivo por causa da sua bondade e de todo o bem que ele fez.

Mozart teve filhas gêmeas com Bastianze no dia dois de Novembro 1855.

Critérios de Correção – Apêndice XIX

Cota		4	3	2	1	0
Parâmetros						
Informação	A	<ul style="list-style-type: none"> -Redige um texto curto e segue as informações dadas; - O texto tem princípio, meio e fim; - A mensagem refere um acontecimento perceptível; 	Nível Intermédio	<ul style="list-style-type: none"> - Texto curto e que respeita todas as indicações dadas; - Refere os nomes dos personagens: Situa, no espaço e no tempo; 	Nível Intermédio	<ul style="list-style-type: none"> - Redige um texto que não respeita as indicações dadas; - Apresenta um texto confuso em que não é possível compreender qual a intenção do aluno; - Falta de apresentação de razões e justificações;
	B	<ul style="list-style-type: none"> - Escreve com correção ortográfica; - Utiliza a pontuação em contexto adequado; 		<ul style="list-style-type: none"> - Apresenta um domínio aceitável das regras da gramática e ortografia; - Apresenta, alguns erros ortográficos que não comprometam a inteligibilidade do texto construído; 		<ul style="list-style-type: none"> - Escreve com incorreções frequentes, quer ao nível gramatical, quer ortográfico
Sintaxe, vocabulário; pontuação ortografia						
Criatividade	C	<ul style="list-style-type: none"> - Faz uso da sua criatividade e de exploração de recursos; - Cria personagens, histórias ou jogos de imaginação; 		<ul style="list-style-type: none"> - Explora a dimensão da palavra na sua vertente escrita, tendo partido da utilização do jogo dramático; - Produz e cria sons, noções de ritmo; 		<ul style="list-style-type: none"> - Adquirir e desenvolver capacidades no domínio da expressão vocal; - Aplica e cria sons, com alguma dificuldade;

